

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RELATÓRIO DE PESQUISA

Os livros infantis brasileiros que aqui circulam, não circulam como lá

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

Campinas, março de 2009

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Prof^a. Dr^a. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Docente do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte – DELART

Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas – São Paulo – Brasil

Endereço: Rua Bertrand Russell, 801, caixa postal: 6120

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – CEP 13083-970

telefones: Departamento: (0XX 19) 3521-5578

e-mail: normasandra@yahoo.com.br

PROFESSOR INTERLOCUTOR

Prof. Dr. António Branco (Professor Associado)

Centro de Investigação em Artes e Comunicação

Universidade do Algarve – Faro – Portugal

Endereço: Campus de Gambelas, 8005-139 Faro, Portugal.

e-mail: abranco@ualg.pt

Os livros infantis brasileiros que aqui circulam, não circulam como lá

RESUMO

O presente estudo pretende investigar a circulação e recepção, em Portugal, de livros de literatura infantil escritos por autores brasileiros. Toma como desafio a identificação da presença e do circuito desses livros, cuja materialidade traz inscrita a percepção que os editores têm de seus leitores e de suas práticas de leitura. Indaga sobre quais são as obras e autores à disposição dos leitores portugueses; em que edições e projetos editoriais essas obras são encontradas; quais práticas de leitura esses livros suscitam e instigam, previstas e inscritas em seus projetos editoriais e quais são os leitores que procuram esses livros. O material a ser coletado consistirá de fichas preenchidas pelos leitores, depoimentos de bibliotecários e professores, os próprios livros, etc., no trabalho realizado em bibliotecas públicas de Portugal, mais especificamente nas cidades de Algarve e Lisboa, e será interpretado à luz dos estudos e reflexões oriundos da História Cultural (Chartier, 1996; 1998; Darnton, 1990;1992).

PALAVRAS-CHAVE: história dos livros, literatura infantil brasileira, leitura, leitores portugueses.

SUMÁRIO

1 - OBJETIVOS	05
2 - A PESQUISA	
Os lugares e o tempo da pesquisa	05
O interesse pelo tema de investigação	07
Caminhos para a construção de sentidos	09
A presença da literatura brasileira para crianças e jovens em Faro – Portugal	13
Os livros e autores brasileiros que circulam em Portugal: esquecidos ou desejados, ao acaso ou destinados	17
Os desejados, os preferidos: o fortalecimento da produção	21
Jorge Amado, pelo caminho oficial e pelo caminho da clandestinidade	23
José Mauro Vasconcelos, pela força da tradição	32
Ziraldo entre elogios e críticas	45
Pelos caminhos da premiação: Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado	49
Os não encontrados, mas também lembrados	52
É muito? É pouco? O que pôde ser encontrado a respeito da produção brasileira destinada às crianças e jovens portugueses?	59
3 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
4 - ANEXOS	

1 - OBJETIVOS

O presente Relatório tem como objetivo apresentar a pesquisa referente ao pós-doc, realizada no Centro de Investigação em Artes e Comunicação - na Universidade do Algarve, em Faro, Portugal, sob orientação do Prof. Dr. António Branco, no período de outubro de 2007 a março de 2008.

Este Relatório abrange a análise descritiva e também interpretativa **dos dados coletados** na pesquisa de campo realizada de outubro a dezembro de 2007, na cidade de Faro, em Algarve.

2 - A PESQUISA

Os lugares e o tempo da pesquisa

Este texto pretende registrar o percurso da pesquisa de pós-doutoramento – *Os livros brasileiros que aqui circulam, não circulam como lá* – construído em interlocução com o Prof. Dr. António Branco no período previsto, no Centro de Investigação em Artes e Comunicação, na Universidade do Algarve.

O período de outubro a dezembro de 2007 foi o tempo da coleta de dados, cujo objetivo principal foi inventariar e identificar a presença de autores brasileiros com obras destinadas ao público infanto-juvenil em Portugal. Este levantamento voltou-se para o funcionamento e movimento do mercado editorial e as instâncias de legitimação e consagração deste produto cultural. Qual o volume desta produção e que aspectos a constituem? Por que algumas obras e autores e não outros?

Os meses posteriores, de janeiro a março, foi o tempo da escrita deste texto diante dos documentos identificados e organizados em uma primeira fase, agora postos para serem interrogados, confrontados com outros, nos seus contextos de produção e circulação.

Alguns motivos orientaram a escolha por Faro, capital do Algarve, e não por uma cidade maior e identificada como centro de tradição cultural situada na parte mais central do país, como Lisboa e Porto, por exemplo. O primeiro motivo foi a acolhida do Prof. Dr. António Branco ao projeto de pesquisa e a oportunidade de interlocução.

Um outro, igualmente importante, foi o fato de que, nesta cidade, a quantidade de espaços identificados como destinados a livros - livrarias, alfarrábios, bibliotecas - poderiam ser visitados praticamente de forma integral e, se necessário, mais de uma vez. Por outro lado, o acesso a tais

lugares parecia ser menos burocrático e a busca e a consulta aos materiais poderiam ser feitas também em conversa com as pessoas destes lugares, e não apenas pela solicitação informatizada e prevista de forma mais direcionada.

De fato, foi possível realizar o levantamento dos dados em todas as livrarias, alfarrábios e bibliotecas da zona urbana da cidade de Faro e, além disso, construir uma rede em que um entrevistado indicava um outro, um documento remetia a outro, a exigir novas perspectivas, indicar novos documentos, abrir outras questões.

Grande parte da busca deu-se na Biblioteca Municipal de Faro “Antonio Ramos Rosa”, lugar em que estive por diversas vezes. Ela é a mais antiga biblioteca pública do Algarve e foi criada em 1902, segundo Anais do Município de Faro (ROSA, 1969). A história desta biblioteca é marcada por várias mudanças em suas instalações, desde salas ocupadas pela Tesouraria, armazéns municipais, conventos e outros edifícios menores, até a instalação no Convento das Carmelitas, edifício renascentista de 1540, de onde sairia apenas para o espaço atual, inaugurado em abril de 2001, de acordo com a política cultural do Ministro da Cultura, Decreto-Lei n 111/87 de 11/03/87 (ROSA, 1969; MARTINS; PERDIGÃO, 2006; REVISTA MAGAZINE, 2003).

Atualmente, no edifício - que tem 2.600 m² de área bruta de construção, pode-se constatar no seu interior crianças, jovens e pessoas mais velhas que escrevem, leem, estudam, alocam filmes, ouvem música, brincam ou pesquisam nos computadores.

Segundo informações dadas por uma das técnicas, em 12 de outubro de 2007¹, a Biblioteca tem 15.203 leitores inscritos e considerados ativos, desconsiderando os visitantes: pais que, durante algumas horas, leem livros para seus filhos, ou ainda pesquisadores que, como eu, não se encontram registrados neste local.

As demais bibliotecas visitadas foram as escolares do Conselho de Faro²: Escola Básica 1º ciclo de Faro nº. 1 (São Luiz); Escola Básica 2º e 3º ciclos “Dr. Joaquim Magalhães”; Escola Básica 1º ciclo do Carmo; Escola Básica 2º e 3º “D. Afonso III”; Escola Básica 1º ciclo de Faro nº.4 (da Penha); Escola Básica 3º ciclo de Santo Antonio; Escola Básica 1º ciclo de Faro nº. 5; Escola Básica 2º e 3º ciclos “Dr. José de Jesus Neves Júnior”.³ Estas bibliotecas foram integradas à Rede

¹ Os funcionários que trabalham na Biblioteca Municipal de Faro (BMF) e nas bibliotecas escolares foram considerados como fonte de informações no decorrer da pesquisa. Na BMF, foram entrevistadas: Dr^a Salomé Horta (Coordenadora da Biblioteca, bibliotecária técnica superior); Isabel Sperr (Técnica Profissional de Biblioteca e Documentação - Serviço de Referência) e Sandra Soares (Técnica Profissional de Biblioteca e Documentação - Serviço Educativo) e Idália Palma Affonso Conceição (funcionária administrativa da BMF).

² Foram excluídas as bibliotecas escolares das escolas secundárias e as bibliotecas escolares da zona considerada rural do Conselho de Faro.

³ Os seguintes coordenadores ou professores responsáveis pelas bibliotecas foram entrevistados: António Nogueira, João Evaristo, Anabela Vaz, Maria de Fátima Guerreiros, Ana Godinho, Margarida Afonso, Carmem M. Antonieta Castanhinha e Maria Teresa dos Santos Aleixo.

Nacional de Bibliotecas Públicas em datas diversas. Por exemplo, a da Escola Básica 1º ciclo de Faro nº.1 (São Luiz) é a primeira a participar da rede, em 1996, ano em que o Ministério da Cultura e Ministério da Educação anunciaram um programa conjunto destinado a criar e remodelar a rede de bibliotecas escolares. Enquanto a Escola Básica 1º ciclo de Faro nº.4 (da Penha) passa a integrar essa rede só no ano de 2006.

Os acervos das bibliotecas escolares do 1º ciclo são gerenciados pela Biblioteca Municipal de Faro, como também são de sua responsabilidade programas de fomento à leitura e de orientação dos profissionais envolvidos nas bibliotecas. As dos 2º e 3º ciclos são mantidas pelos Ministérios da Cultura e da Educação, como o da Escola Dr. “José de Jesus Neves Júnior”, que funciona como biblioteca desde o início do ano letivo de 1987/88, mas que passou a receber verbas para complementação de seu acervo a partir de 1998, quando passou a integrar-se à rede de Bibliotecas Escolares.

As bibliotecas da Universidade do Algarve também foram visitadas, mas apenas faz parte desta pesquisa a da Escola Superior de Educação, por ter um acervo formado por livros infantis e juvenis de literatura.

Quanto às livrarias, foram pesquisadas todas as que estão em funcionamento na cidade de Faro: *Bertrand Livreiros* (as localizadas no Shopping e no centro da cidade), *Alfarrábio e Livraria Simões* (as situadas em Arportal e na Praceta Rodolfo) e *Publicações Europa-América* (Praça Ferreira de Almeida, Centro). Não foram incluídas na pesquisa as papelarias e livrarias cuja centralidade de venda não seja exclusivamente livros. Nesses lugares, a oferta recai em best-sellers ou livros didáticos, ou em outros materiais ligados à cultura impressa.

A Livraria e o Alfarrábio Simões são espaços de um mesmo e único proprietário, que há mais de 30 anos se destaca no ramo da venda de livros na cidade de Faro. A Bertrand, com sua primeira loja em Lisboa inaugurada em 1732, faz parte de uma rede de livrarias espalhadas por todo o território português. A livraria que comercializa a produção da *Publicações Europa-América*, criada em 1945, colabora com mais de 1500 pontos de venda permanentes em Portugal, para além de vários distribuidores em mais de 20 países.

O interesse pelo tema de investigação

Nas relações culturais intrincadas e complexas entre Portugal e Brasil, muito já se publicou sobre a influência do país colonizador sobre o colonizado. Estudos tratam da ausência ou da não circulação e recepção de livros entre leitores, em espaços diversos no Brasil, com maior ou menor

autorização de Portugal (ABREU, 2003; LAJOLO & ZILBERMANN, 1996). Estudos também se voltam para a construção de uma literatura nacional, a partir do século XIX, não só significativa como manifestação singular da linguagem em sua dimensão poética, como também como urgência de expressão nacional diferente das produzidas por outros países, principalmente daqueles dos quais estivemos sempre culturalmente colonizados (ARROYO, 1988; CANDIDO, 1975).

No entanto, é praticamente inexistente pesquisa centrada na investigação sobre a presença da literatura brasileira atual destinada às crianças e jovens em Portugal. É possível imaginar, porém, que hoje estão presentes em terras portuguesas, ainda que de forma tímida, livros de autores brasileiros escritos para crianças, assim como estiveram sempre presentes entre nós, de forma predominante e intencional, livros de Portugal, no início da formação do leitor infantil.

Desconheço uma pesquisa sobre leitura de literatura infantil e juvenil que busque interpretações sobre os caminhos em que circulam os livros brasileiros até chegar a seus leitores, em Portugal. Como também desconheço os modos como esses livros são apresentados, postos em circulação, divulgados e dados a ler para os leitores portugueses.

A constatação da presença ou ausência de um conjunto de autores e obras, a quantidade encontrada no total, a concentração de interesse por uma obra ou autor ou a dispersão por várias, o trabalho das “traduções”, a identificação do número e ano de edições, o entusiasmo por autores contemporâneos ou não, etc., podem ampliar a história já escrita sobre literatura infanto-juvenil, sobre o mercado editorial do Brasil, sobre modos de circulação e recepção de livros em Portugal.

É preciso pensar que qualquer produto cultural, inclusive a literatura, não se circunscreve a limites geográficos, socioeconômicos, às intenções de seus produtores, aos consumidores a que se destinam. Estudos sobre produtos culturais reconhecem circulações fluidas, práticas partilhadas que atravessam delimitações postas *a priori* por clivagens socioeconômicas, territoriais, ideológicas, ignorando “empregos diferenciados, usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias.” (Chartier, 1988, p.136).

Livros circulam, propagam-se, espelham-se, transitam entre lugares não só por programas e acordos culturais intencionalmente instituídos. Um livro chega a lugares distantes daquele no qual foi produzido em determinadas condições e circunstâncias. Ele chega por diferentes mãos e propósitos, por diferentes trajetos e estratégias, transita e se espalha por caminhos nem sempre convencionais. Um livro, aparentemente esquecido em um lugar por uma determinada comunidade de leitores, pode estar vivo em outro lugar, movimentado por práticas de leitura pouco conhecidas ou previstas, movimentado por outros interesses.

Caminhos para a construção de sentidos

A pesquisa, de natureza descritiva e exploratória no sentido de diversificar perspectivas e ampliar campos de busca, caracteriza-se por uma reunião de materiais que, através de diferentes métodos de organização e indagação, de cruzamento e confrontação de fontes trazem outras questões, construindo assim outras interpretações.

O primeiro movimento metodológico foi a busca efetiva - pessoalmente e sem pressa - dos livros de literatura infantil e juvenis brasileiros, nas prateleiras das estantes e nos bancos de dados informatizados. Trata-se de uma aposta metodológica em que se pretende alcançar (com surpresa) outros dados, ainda não registrados e estudados, nas pesquisas brasileiras. Ao invés de enveredar por uma pesquisa de verificação ou comprovação de algo já esperado a priori, como, por exemplo, investigar a presença de autores brasileiros com projeção legitimada por premiação nacional ou internacional em Portugal nas últimas décadas, o interesse esteve voltado para a “descoberta” de quais seriam os autores, prestigiados ou não; mais, ou menos conhecidos.

Outras estratégias e procedimentos complementaram a consulta, *in loco*, como: entrevistas com livreiros, bibliotecários e professores; observação das fichas preenchidas com dados dos leitores na consulta aos livros em bibliotecas; exame das edições e projetos editoriais das obras; levantamento e estudo de uma bibliografia sobre a história da literatura portuguesa voltada para crianças e jovens, como também sobre o mercado editorial brasileiro e o português; busca de documentos oficiais que normatizam e orientam a educação de jovens leitores portugueses.

As interpretações sobre o universo das obras e os autores localizados foram ancoradas em outros textos que lidam com as relações entre linguagem e cultura, entre poder e instâncias de legitimação, entre circulação e divulgação de livros de literatura. (BURKE, 1992; DARNTON, 1995, 1990; BAKHTIN, 1981, 2002; CHARTIER, 1996, 1998, 2001).

Um conjunto de livros colocados como objeto de investigação e de estudo põe em circulação práticas culturais, modos de circulação dos objetos, representações de literatura, leitura e leitor, que extrapolam fronteiras disciplinares.

[...] Os livros não respeitam limites, sejam lingüísticos ou nacionais [...] quando tratados como objetos de estudos, também se recusam a ficar confinados dentro dos limites de uma única disciplina. Nenhuma delas – a história, a literatura, a economia, a sociologia, a bibliografia é capaz de fazer justiça a todos os aspectos de vida de um livro. Pela sua própria natureza, portanto, a história dos livros deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar. Mas não precisa ser privada de coerência conceitual, porque livros fazem parte de circuito de comunicação [...] (DARNTON, 1995, p. 131).

A possibilidade de construir sentidos a partir do levantamento de um conjunto de títulos e de autores, necessariamente apontou para uma direção de pesquisa que é de caráter mais quantitativo: quantos livros podem ser encontrados, tomando Faro como um espaço exemplar? É pouco ou muito, e em relação a quê?

Mas também de natureza exploratória, a pesquisa buscou aproximações, um acercamento do *corpus* construído no circuito que movimenta o ato de ler: produção, circulação e recepção desses livros. A presença da produção brasileira é significativa, é constituída de forma intencional, ou casual e aleatória? Como se movimenta a presença desta produção no tempo? Como se movimenta como publicação de editoras nacionais?

Uma vez identificado um conjunto de livros de literatura escritos por brasileiros em bibliotecas públicas e em livrarias, em Faro, Portugal, foi necessário indagar e (re)construir os caminhos que eles provavelmente percorreram no interior do próprio país e de um país para outro. Foram comprados, doados, esquecidos por algum brasileiro, ou enviados por programas de fomento à leitura firmados entre os dois países? Quando e quem desencadeou essa possibilidade: o próprio autor, um leitor, um governo, uma instituição, uma editora, uma bibliotecária, um professor? Que estratégias são pensadas e acionadas para que determinados livros e autores entrem no mercado português e conquistem novos leitores?

Todas essas questões orientaram a busca dos documentos e das fontes de pesquisa, bem como dos procedimentos metodológicos, alimentando o interesse pelo desenvolvimento do trabalho. Em torno delas foram realizadas as entrevistas, para as quais foram agendados horário, dia e local, quando então algumas dessas questões foram colocadas, na maioria das vezes por escrito. Foram entrevistados todos os responsáveis pelas bibliotecas, os funcionários das livrarias, o proprietário do Alfarrábio, os editores da editora Melhoramentos (no Brasil) e da Vozes (sucursal em Portugal), a diretora da Distribuidora Dinapress, as pessoas com cargos em órgãos oficiais ligados à educação e a programas de fomento à leitura em Portugal e à Fundação Calouste Gubenkian.⁴

Algumas expressões, conceitos e procedimentos metodológicos precisaram ser mais bem delineados, à medida que o trabalho foi ganhando certo ritmo e configuração.

É o caso das expressões *livro*, *obra*, *edição*, *projeto editorial* que estão, neste trabalho, tomadas como distintas. Um título localizado em sua materialidade de edição foi identificado como “livro”, portanto teremos tantos livros quantos forem os encontrados em espaços visitados. “Obra” foi usada como criação de um autor, independente do projeto editorial que lhe deu materialidade e

⁴ Além do agradecimento aos responsáveis pelas bibliotecas e professores que aceitaram colaborar com esta pesquisa e já identificados anteriormente em notas de rodapé, quero expressar ainda a minha gratidão, pelo mesmo motivo, às seguintes pessoas: Prof^a Dr^a Olga Maria Costa da Fonseca, Maria Filomena de Palma Branco, Virginia Albistana, Carlos

concretude. Por exemplo, ao citarmos a obra *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, não estamos nos referindo a uma edição especial ou a um exemplar definido. Por outro lado, a expressão “projeto editorial” será convocada quando estivermos centrados em comentários e análises sobre determinada edição ou livro. Nesta direção, para cada projeto editorial está compreendido, em uma respectiva edição, o conjunto dos aspectos visuais e materiais que constituem tal livro, arquitetado segundo as intenções dos editores e atendendo a determinadas representações de seus leitores.

A distinção entre obra destinada ao público infantil ou ao juvenil tornou-se também uma dificuldade metodológica desta pesquisa. Inventariar os livros de literatura presentes em Portugal implica deparar com a distinção entre o que é para crianças, para jovens e para adultos. Como operar com o conceito “infantil” e “juvenil”? Quem e com quais critérios classifica tal obra como literatura destinada à criança ou ao jovem?

Harold Bloom, em *Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades* (2003), aponta, no título, para o jogo “crianças de todas as idades”, e justifica:

Qualquer pessoa, de qualquer idade, ao ler esta seleção, perceberá logo que não concordo com a categoria “literatura para criança” ou “literatura infantil”, que teve alguma utilidade e algum mérito no século passado, mas que agora é, muitas vezes, a máscara de um emburrecimento que está destruindo nossa cultura literária. A maior parte do que se oferece nas livrarias como literatura para criança seria um cardápio inadequado para qualquer leitor de qualquer idade em qualquer época. Eu mesmo li quase tudo o que reuni neste livro entre cinco e quinze anos de idade, e continuei a ler esses poemas e histórias dos 15 aos 17 anos. (p. 12-13).

Na perspectiva assumida por Bloom, literatura para crianças ou infantil tem se tornado, atualmente, uma produção mercadológica, com pouca qualidade literária, descartável e praticamente esquecida depois de consumida.

Tal questão tem produzido discussões e posicionamentos distintos. Ora a definição é construída como gênero (LAJOLO, 2001; ZILBERMAN, 1990; LAJOLO E ZILBERMAN, 1999; MORTATTI, 2000), ora como segmento editorial (pelas próprias editoras), ou ainda construída por aspectos postos por quem media esta produção, e até pelo leitor.

Segundo Salomé Horta, coordenadora da BMF, em entrevista⁵ realizada por mim, são classificados *como infantis os livros destinados aos leitores de até 8 anos de idade, e juvenis de 9 a 15 anos*.

Afonso, Carlos Neves Simões, Ozias Filho, Paula Amaro, Maria Helena Borges, Lia Matos, Leila Bortololazzi Balistrieri e Maria de Fátima Guerreiros.

⁵ As entrevistas com os bibliotecários foram feitas em vários momentos, conforme era necessário algum esclarecimento sobre o *corpus* da pesquisa. As questões eram elaboradas por escrito e colocadas aos entrevistados, na maioria das vezes, oralmente. Eles respondiam à medida que eu registrava de forma manuscrita.

Mas como diferenciar um livro adequado para 9 anos e não para 8? Para Isabel Sperr - Técnica Profissional de Biblioteca e Documentação - *cada obra é lida pelos bibliotecários que a classificam pelo grau de dificuldade de leitura, pela linguagem não acessível, pela complexidade do tema, pela adequação da problemática para o leitor infantil.*

Carmem M. Antonieta Castanhinha, funcionária responsável pela biblioteca escolar da Escola D. Afonso III, também explicita seus critérios: *olhamos na capa, na ficha técnica (quando há), identificamos o autor, manuseamos a obra e decidimos pela classificação.*

Nesta direção, a classificação unicamente cultural é construída por aspectos de diferentes naturezas, pressupostos pelos adultos: representação do que seja criança (até 8 anos) ou jovem (de 9 a 15 anos); competências para apreciação da leitura adequada a graus de dificuldade; complexidade e qualidade da linguagem; pertinência do tema, censura.

Novo desafio para operar com as classificações das obras quando o lugar são as livrarias. Nelas, a distinção fica claramente demarcada quando se trata de livros “infantis”, porque podem ser identificados como aqueles com um número menor de páginas, com ilustrações bastante coloridas, com letras grandes, com folhas de papel mais resistentes, com capas duras, etc. Mas obras brasileiras que poderiam, pelo critério das bibliotecas, ser consideradas como “juvenis” encontram-se, quando procuradas nas livrarias, junto aos autores que escrevem para adultos, em uma nova classificação, que distingue “autores portugueses” e “autores lusófonos”. Daí a opção por adotar, nesta pesquisa, a classificação dos livros como “infantis”, “juvenis”, ou ainda “infanto-juvenis”, independente de uma definição pré-estabelecida por nós. No caso das livrarias, também se adotou como espaço de busca os livros que estavam classificados como “lusófonos”. Deste modo, é provável que mais exemplares e diferentes títulos fossem encontrados, se tivesse procurado pelas obras, independentemente da sua organização nas prateleiras pelos responsáveis pelos espaços dos livros. Por exemplo, é possível que um exemplar de *Seara vermelha*, de José Mauro de Vasconcelos, estivesse em uma prateleira destinada a leitores adultos, mas ele só foi computado quando estava classificado como “juvenil” pela biblioteca visitada. Também é possível que *Capitães da areia*, de Jorge Amado, indicado como “Leitura Recomendada” para o 9º ano de escolaridade, também estivesse nas prateleiras da biblioteca para leitores adultos. Nesse caso, mesmo sabendo da existência da obra e da indicação em programas oficiais de incentivo à leitura, ela não seria computada se não estivesse em um local destinado, por exemplo, a leitores juvenis. Por outro lado, livros como *A bola e o goleiro*, de Jorge Amado, ou *Bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, que são identificados no Brasil como ligados às práticas de leitura com crianças, em Portugal estão presentes nas prateleiras destinadas ao público “juvenil”.

A presença da literatura brasileira para crianças e jovens em Faro – Portugal

Durante o “inventariamento” sobre a produção de livros de literatura brasileira para crianças e jovens, foi comum deparar-me com comentários feitos por pessoas que me atendiam sobre a ausência desta produção. Em todos os lugares em que estive - biblioteca municipal, bibliotecas escolares e biblioteca universitária; livrarias e alfarrábio – ao explicitar o objetivo de minha pesquisa, ouvia: “*você encontrará muito pouca coisa*”; “*desconheço se temos algo*”; “*não conheço literatura brasileira que não seja para adulto*”.

O que é pouco para ser encontrado? Em relação a quê? À produção nacional ou à de outros países, que não o Brasil? Em relação à literatura adulta brasileira? A uma concentração dessa produção em poucos autores e obras?

Mas em resposta a essas perguntas, constatou-se de concreto durante a investigação a presença de 59 (cinquenta e nove)⁶ títulos de obras de literatura de autores brasileiros destinadas ao público infantil e juvenil.⁷ São 29 livros considerados como infantis e 30 livros como juvenis (Anexo 1), diferentes e disponíveis para serem consultados ou comprados em Faro.

O quadro a seguir apresenta numericamente o movimento deste conjunto, constituído por 59 obras no período focado para o inventário do *corpus*, e em relação aos países de publicação.

DÉCADAS	1945	1950/69	1970/79	1980/1989	1990/1999	2000/2007	s/data	TOTAL
PORTUGAL	-	-	-	02	09	03	01	15
ESPAÑA	-	-	-	-	-	05	-	05
BRASIL	01	01	03	06	21	01	06	39
TOTAL	01	01	03	08	30	09	07	59

⁶ Um título localizado em lugares diferentes foi computado apenas uma única vez, mesmo que em edições diferentes. Considerou-se a data mais antiga encontrada. Também mais de um exemplar de um mesmo livro, em um mesmo lugar, foi computado somente uma única vez. O anexo 1, portanto, reúne, sem repetir, todos os títulos dos livros encontrados.

⁷ O Anexo 2 traz uma listagem dos livros encontrados em cada lugar visitado. O conjunto é formado por 96 obras, porque algumas delas se repetem em diferentes acervos dispostos em diferentes espaços.

Embora os períodos apresentem o número de anos de forma desigual no quadro, especialmente o primeiro assinalado com um único ano (1945) e o penúltimo, que abrange sete anos (2000/07), é possível inferir tendências do mercado editorial ao longo desse tempo.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que no Brasil há um número bem maior de publicações do que fora dele (Portugal/Espanha), embora com um movimento diferente no decorrer do período de 1945 a 2007.

Em segundo lugar, as datas extremas oferecem dados interessantes. A quantidade referente aos últimos anos (2000/07) define-se como publicação fora do Brasil, enquanto antes dos anos 1970 (em um período de 34 anos) são edições feitas no Brasil.

A presença tímida de apenas **2** livros, com saltos de datas de edição entre eles anteriores à década de 1970, sugere que o caminho desses livros até Portugal ocorreu totalmente ao acaso.

De fato, os dois livros mais antigos localizados em um alfarrábio foram editados no Rio de Janeiro; o primeiro data de 1945 e é um exemplar que traz marcas do tempo - folhas amareladas e manuseadas - sobre a história de Joanna D´ Arc - e o próximo salta para o ano de 1963 (elencados no Anexo 1, com os números 18 e 20, respectivamente).

O exame dos livros localizados contempla outra observação. Desse conjunto de cinco livros anteriores aos anos 1980, dois exemplares (números 1 e 20 do Anexo 1) trazem dedicatórias que traduzem o gesto de presentear um leitor específico.

Um novo agrupamento formado por **7** livros vem sem a identificação da data da edição. Desses, **5** são de José Mauro de Vasconcelos, provavelmente publicados na década de 1990 pela Melhoramentos, porque fazem parte de uma coleção que circula em Portugal com essa data. Um (**1**) deles, exemplar bastante velho, da Edições Paulistas⁸, pertence à coleção “Contos Maravilhosos” (nº 20, Anexo 1). Mais um (**1**) outro é uma obra de Jorge Amado, editada pela Publicações Europa América, provavelmente nos anos 1990 (nº 8, Anexo 1).

O quadro aponta um movimento dessa produção ao longo do tempo. As publicações brasileiras crescem a partir dos anos 1970 até os anos 2000, quando decresce, dando espaço para duas editoras portuguesas e uma espanhola.

Tal crescimento e direcionamento desta produção podem ser ainda discutidos na perspectiva das editoras que estão representadas e distribuídas em alguns períodos, de forma mais ou menos concentrada.

As cinco primeiras publicações brasileiras, anteriores aos anos 1980, distribuem-se por **4** editoras diferentes (Tecnoprint, Brasiliense, Briguet & Cia Editores, Melhoramentos). Tal dispersão

⁸ A Edições Paulistas (atualmente Paulus Editora) é uma editora a serviço do Evangelho e da cultura cristã e sua primeira livraria a surgir em Portugal nasceu na cidade de Lisboa no dia 1 de Abril de 1957. (Disponível em: <http://www.paulus.pt/pauluseditora.shtml>. Site acessado em: 15 jan. 2008.)

parece indicar um mercado que se configura como por acaso; um ou dois livros, casualmente, chegaram ao território português, e deste modo puderam ser encontrados no alfarrábio.

Já nos anos 1980 e 1990, entre as 26 obras, **11** são publicadas pela Melhoramentos e **8** pela Vozes e as outras **8** distribuem-se entre a editora Moderna (com 2 obras); a Record (3), a Nova Fronteira (1), a Ática (1), a Contexto (1).⁹ Deste modo, pode-se dizer que, nessas duas décadas, o quadro aponta um investimento significativo de publicações brasileiras por duas editoras, Vozes e Melhoramentos.

A que se pode atribuir tal predominância da editora Melhoramentos, principalmente na década de 1990, em relação às demais, e o que se pode inferir em relação à concentração em uma década específica?

Em primeiro lugar, pode-se vislumbrar a atuação da editora Melhoramentos, tanto no Brasil quanto em Portugal. Segundo informação dada pelo departamento de marketing desta Editora (resposta a e-mail enviado em outubro de 2007), a *Melhoramentos teve uma editora em Portugal, na década de 1990, porém todo seu acervo foi passado desde então para a distribuidora Dinapress, cuja sede é em Lisboa e que nos distribui até hoje.*

Para Leila Balistrieri, editora responsável pelas obras de José Mauro de Vasconcelos, no Brasil, nos anos 1990, a Melhoramentos pôs em ação um projeto de “mão dupla”: *foram publicados autores brasileiros em Portugal, como também foram editados autores portugueses para serem comercializados no Brasil, como por exemplo, Ricardo Albertin, Matilde Rosa de Araújo e Natércia Rocha, entre outros.*

E foi neste período, nos anos 1990, que foram encontradas várias obras do autor José Mauro de Vasconcelos, publicadas por esta editora e em circulação desde a década de 1970, e ainda as de Ziraldo Alves Pinto. Por outro lado, ainda que os anos 2000 não apresentem novos títulos, outros dados posteriormente apresentados neste trabalho mostrarão que a Melhoramentos continua atuando em Portugal, através da Distribuidora Dinapress/ Dinalivro, colocando nas livrarias vários exemplares, com edições até o ano 2006.

Ao longo do tempo, o quadro das publicações modifica-se nos anos 2000 de forma inversa aos períodos anteriores. As editoras brasileiras recuam, com o indicativo de apenas **1** publicação pela Record (nº 30 – Juvenis, anexo 1) e o espaço fica praticamente tomado pelas não-brasileiras. Nesta configuração, percebe-se uma atuação mais definida de determinadas editoras, quando se constata que as **8** obras distribuem-se por apenas 3 delas: **5** da Everest (Espanha); **2** da D. Quixote e **1** da Quase Edições (Portugal). O quadro sugere também que, economicamente talvez, não interesse

⁹ A edição encontrada de *A bola e o goleiro*, de Jorge Amado, é da editora Contexto, com impressão pela Printer Portuguesa.

ao mercado editorial brasileiro exportar para Portugal, como o fez nas décadas de 1980 e 1990, que é quando as grandes editoras ganham força de penetração.

Porém, em relação apenas às editoras portuguesas, nos anos 1980 o movimento não foi muito diverso dos anos 2000, porque são também 2 editoras (Edinter, Caravela) para 2 obras brasileiras (nº 3 e 4º Juvenis – Anexo 1). E mesmo quando focamos os anos 1990, é a editora Melhoramentos, com sucursal em Portugal, que concentra uma significativa quantidade de publicações. Entre as 9 identificadas como publicações em Portugal, 7 delas são da Melhoramentos e apenas 2 são de duas outras editoras portuguesas, Verbo e Europa América (nºs 5 e 7 Juvenis – Anexo 1).

Portanto, o interesse português pelas obras brasileiras, ao longo do tempo (1980-2007), é tímido em títulos e diluído entre 6 editoras portuguesas, se excluirmos a Melhoramentos (Portugal).

Martins (2005) destaca dos estudos publicados no “Relatório Mundial sobre a Informação”, da Unesco, em 1997, o artigo assinado por Philip Altbach, que trata principalmente da edição de livros e do desafio que as editoras, como empresas, atualmente têm a enfrentar no Mundo. Segundo ele:

Na economia pós-industrial, são consideráveis as disparidades e as desigualdades, podendo identificar-se centros e periferias. ‘livros e editoras não se repartem pelo Mundo de modo equilibrado. O mercado internacional da edição é dominado por um pequeno número de países de línguas’. Uma parte substancial das obras editadas no Mundo é produzida numa dúzia de países: EUA, Reino Unido, França e Espanha (gigantes da edição, países de línguas internacionais, sedes das maiores editoras multinacionais); Alemanha, Itália e Japão (países de grandes editoras com ramificações mundiais); Argentina, México, China, Índia e Egito (todos possuindo ‘uma indústria do livro vigorosa, sendo o último o principal e produtor de livros em língua árabe’). Ao lado destes países, ‘a maior parte do resto do Mundo ocupa uma posição periférica’. (p.53).

Tal informação remete à idéia de que no volume de negócios do setor livreiro, tanto o português como o brasileiro encontram-se em uma posição periférica. Embora a língua portuguesa seja considerada a oitava mais falada no mundo e o mercado lusófono esteja em condições de expansão (quedas nos índices de analfabetismo, incentivo à criação de escolas e bibliotecas, ações oficiais de fomento à leitura), os livros não são produzidos em condições igualitárias. Desta forma desigual, algumas editoras e distribuidoras mantêm um monopólio com seus catálogos, atendendo aos interesses do mercado consumidor, impondo determinados autores, obras, gêneros.

Segundo Guedes (2001), as estatísticas fornecidas pela APEL em 1995, ainda consideradas “mais recentes”, apontam que entre as editoras que publicam literatura em geral e literatura infantil e juvenil (considerada a terceira em volume de vendas e a segunda em quantidade de títulos) sobressaem: Presença, Europa-América, Dom Quixote, Livros do Brasil, Caminho e Bertrand, Verbo, Civilização, Porto Editora e as espanholas Girassol e Everest.

São justamente as editoras Europa-América, Dom Quixote, Caminho e Verbo - e a espanhola Everest - de ampla projeção no mercado livreiro atual, que se encarregam de publicar os autores brasileiros que foram encontrados nesta pesquisa. Tal força dessas editoras permite, com estratégias editoriais mais ousadas e com menor custo, colocar em circulação as obras de autores brasileiros, como também de outras nacionalidades.

Os livros e autores brasileiros que circulam em Portugal: esquecidos ou desejados, ao acaso ou destinados

Quais critérios orientaram a configuração deste acervo que está à disposição dos leitores para compra em livrarias e sebos ou para empréstimo nas bibliotecas - municipal, universitária ou escolares - da cidade de Faro, e que está, agora, organizado diante de mim?

A organização do *corpus* formado por **59** títulos diferentes, sem contar exemplares que se repetem pelos mesmos espaços ou em diversos números em um mesmo local (Anexo 1), pode ser interpretado a partir de dois modos. Uma primeira interpretação (em torno de parte do material coletado) aponta para a ideia de dispersão. De fato, os 59 títulos identificados como obras foram escritos por 27 autores, sendo que destes, **19 autores** aparecem com uma única obra.

A dispersão de títulos por vários autores parece indicar a ausência de uma ação intencionalmente calculada do mercado editorial para a recepção e circulação de livros em Portugal. Dos **19** títulos, com exceção de **8** que são da editora Vozes e **2** da Publicações D. Quixote, os demais foram publicados por diferentes editoras (Tecnoprint, Brasiliense, Briguet & Cia Editores, Paulistas, Record, Nova Fronteira, Melhoramentos em Portugal, Pentacron, Caminho). Portanto, são **11** editoras para 19 títulos.

No entanto, os 19 livros, em sua maioria, apresentam o mesmo projeto do Brasil, sem estratégia editorial ousada ou diferenciada para impor-se no mercado livreiro estrangeiro, um espaço a conquistar. A ideia que parece sustentar esse investimento individualizado é a de que os livros por si só – pelo seu valor literário - alcançariam em terras estrangeiras o devido reconhecimento de seus leitores.

A Vozes, por exemplo, que tem uma atuação singular neste conjunto analisado e que pode ser reconhecida como uma editora séria e responsável, com ampla tradição reconhecida no mercado editorial brasileiro, cria, nos anos 1980 e 1990, uma sucursal em Lisboa, acreditando no mercado consumidor português. Porém, as 8 obras encontradas com a marca dessa editora caracterizam-se como publicações isoladas, de autores novos e praticamente desconhecidos até mesmo no Brasil. Os livros, com edições bem cuidadas do ponto de vista visual e com qualidade de encadernação, de

papel, etc., parecem ter sido colocados no mercado sem grandes investimentos em diferentes instâncias de mediação, isto é, sem um investimento que transformaria o *produto base* em um *produto aumentado, especial* (MARTINS, 2005, p. 227).

No livro *Profissões do livro, editores e gráficos, críticos e livreiros*, Martins (*op.cit.*), citando autores que dedicam um estudo teórico-empírico sobre a importância das marcas para a venda de certos produtos, destaca que, segundo *Kotler*: “a marca representa mais do que o produto. A marca representa um conjunto de serviços, valores, promessas [...] Os serviços de comercialização actuais não vendem produtos, vendem pacotes de benefícios. Não vendem apenas um valor de compra, vendem um valor de uso.” (p. 228).

Só recentemente o mercado livreiro começa a colocar, de forma mais explícita, o aspecto econômico ao lado do cultural e político e as peculiaridades do seu produto em uma sociedade capitalista. Nesse setor, o mercado livreiro não vende apenas uma mercadoria, mas aquilo que se constela no seu interior e em volta dela: a importância de ser leitor, as consequências positivas da leitura, o poder do livro e da leitura, a legitimidade de certas práticas de leitura, a distinção/discriminação entre leitores e não-leitores e a necessidade de leitura sob forma de direito para todos. Nessa direção, o importante não é apenas a criação de um objeto cultural, mas a produção “simultaneamente do universo de crença que faz com que seja reconhecido como um objeto cultural”. (BOURDIEU, 1996, p. 39).

No circuito do livro, diferentes sujeitos planejam, intervêm, colocam em ação várias estratégias para que o livro passe a ser objeto de desejo de compra.

Para Martins (2005):

[...] ao criarem propostas de valor, os vários mediadores (tanto da produção como da difusão) deixam as suas marcas em cada livro, influenciando a sua diferenciação, o seu posicionamento. Para o êxito de uma obra são fundamentais não só as assinaturas do editor, do tradutor, do gráfico, mas também as recomendações do crítico e do livreiro. Tais intervenções técnicas podem transfigurar um vulgar projecto num livro especial, um ‘produto base’ num ‘produto aumentado’, ao convocarem o capital simbólico, socialmente reconhecido, que cada um destes mediadores acumulou. Um mero livro pode assim passar a ser ‘aquele’ livro, porque (bem) produzido por ‘quele’ editor e ‘aqueles’ gráficos qualificados porque (bem) difundidos por ‘aquele’ crítico vedeta e ‘aquele’ livreiro culto e atento. Para o destino de um livro, a ‘marca’ de cada mediador faz toda a diferença. (p. 229).

Algumas das obras publicadas pela editora Vozes até trazem estratégias editoriais de apresentação de seus autores desconhecidos através de algum selo que as legitime, como por exemplo, “Prêmio Câmara Municipal de SP, 1987” , na página de rosto de *Aventuras no reino verde – pequeno romance folclórico de Vera Siqueira*, ou uma apreciação da obra *Viva papai Noel!*

, de Jacqueline Marie Legaud, escrita na quarta capa por “Vitória Régia de Lima - Assessora Técnica Pedagógica do 1º grau. SEE/RJ”, ou ainda, a indicação de tratar-se de co-edição com a Associação Gaúcha de Empresas de Obras de Saneamento, com a obra *O clube da Biblioteca contra bruxa Pestiléia*, de Jerônimo Jardim. Porém, tais estratégias editoriais parecem não ter surtido efeitos econômicos, pois todas as obras foram encontradas em uma única edição, em um único exemplar, sem marcas de circulação por outras instâncias que pudessem promovê-las.

Segundo, Ozias Filho, diretor atual da Sucursal da Vozes, em Portugal:

A Vozes, a partir dos anos 1990, não teve mais interesse em comercializar livros infantis brasileiros em Portugal porque eles não se revelaram um bom negócio para a editora. Quando assumi a sucursal em Portugal, no começo dos anos 1990, eu mesmo providenciei a doação dos livros infantis do estoque para diferentes entidades de Portugal. Atualmente a editora, mesmo no Brasil, não tem mais interesse em publicar para o segmento infantil e traz nos seus catálogos apenas um livro infantil que não é propriamente de literatura.

Tal conduta parece modificar-se quando comparamos as publicações dos anos 2000 (nº 14 - Infantis e 19 ; 20 – Juvenis, Anexo 1) das editoras portuguesas (D.Quixote, Quasi Edições) e da espanhola (Everest) que se utilizam de estratégias de apresentação de autores brasileiros desconhecidos, em coleções compostas por autores estrangeiros ou identificadas como temáticas. É o exemplo de *A n@ave de Noé*, de Primos Ramos Amado (2000), que, além de uma adaptação para a edição portuguesa, faz parte da Coleção “Minoria Absoluta”.

O espalhamento dos títulos por vários autores e editoras provoca uma configuração dispersa, por vários pontos. Ao lado de grande parte de autores desconhecidos, principalmente os publicados pela editora Vozes, é possível identificar autores consagrados como Manuel Bandeira ou Fernando Sabino; reconhecer poemas e também textos em prosa; autores mais antigos, como Sidônio Muralha¹⁰ e Adolfo Bloch, junto a autores contemporâneos como Primos Ramos Amado¹¹ e Ricardo Azevedo. Um conjunto que aponta para distintos tempos, gêneros, gostos.

O período de publicação das obras que circulam em Faro, em uma única edição, também é variável: 5 obras são anteriores a 1979; 6 na década de 1980; 5 na de 1990 e 5 da década de 2000. Tal fato não permite reconhecer a força de uma instância legitimadora, ou de uma ação calculada para o envio destas obras para Portugal. Elas parecem ter vindo por caminhos diversos, em tempos igualmente diversos e por interesses distintos.

¹⁰ Sidônio Muralha é português, mas morou no Brasil. Criou a editora Catavento, a coleção Giroflê, publicou livros e até hoje tem livros publicados no Brasil.

¹¹ Primos Ramos Amado são os descendentes dos escritores Jorge Amado e Graciliano Ramos, que assumem a autoria coletiva de *A n@ave de Noé*.

A idéia de espalhamento concretiza-se ainda pelos espaços destinados a livros que foram visitados - podendo ser localizados ora em uma livraria, ora em um alfarrábio, ou ainda na biblioteca municipal. Uma obra encontrada em um lugar pode não ser localizada em um outro, são exemplares únicos. Como se “perdida” naquele lugar, como se tivesse chegado ali meio que por acaso, pela doação de algum ex-leitor ou de uma entidade, como uma aposta mercadológica em novos nomes ou pela demanda de uma temática, como o livro *Diário de uma jovem que aprendeu a viver com SIDA*, de Valéria Piassa Polizzi. Os livros mais recentes podem ser encontrados à venda nas duas lojas da Livraria Bertrand, como é o caso da obra de Ferreira Gullar, mas não está em nenhuma biblioteca. O do Fernando Sabino está à disposição na Biblioteca Municipal de Faro e na biblioteca escolar da Escola de 2º, 3º ciclos de Santo Antonio, porém não está à venda. Alguns deles, inclusive, são aqueles de “segunda mão” como *Criança tem cada uma!*, de Pedro Bloch, que está à venda apenas no alfarrábio Simões.

Um único aspecto que parece ser comum neste *corpus* é o de pouca circulação, pouco manuseio. Mesmo os livros mais antigos (com exceção da *História de Joana D`Arc*) não têm o aspecto de gasto, de folhas rasuradas, amassadas, com anotações, etc.

De fato, em consulta às fichas impressas e aos dados informatizados das bibliotecas, esses livros praticamente não tiveram registro de empréstimos, com exceção de *O menino no espelho*, de Fernando Sabino. E, segundo informações dadas pelos funcionários nas lojas da livraria Bertrand, apenas o de Ferreira Gullar, que faz parte da Coleção “Tempos dos Mais Novos”, composta por autores portugueses e estrangeiros, teve **4** exemplares vendidos entre abril e junho de 2007. Tal falta de circulação dessas obras também pode ser ilustrada com o fato de que algumas delas (por exemplo, no alfarrabista), ainda estarem com preço marcado em escudos (última moeda portuguesa, que foi substituída por euros no início de 2002).

Portanto, esse *corpus*, formado por **19** autores que possuem apenas uma única obra que possa ser lida e adquirida, apresenta uma configuração tão dispersa quanto pouco uniforme. Nele não se percebem tendências para ações deliberadas, em conjunto, em torno de um nome, de uma temática, de uma época, para a construção de um reconhecimento imediato da produção brasileira ou de uma tradição no gosto e no modo de apreciação de obras e autores. Mesmo a aparente concentração de obras publicadas pela editora Vozes mostra-se dispersa ao diluir-se por vários autores e obras em um mercado como o livreiro – considerado por muitos como de uma economia singular, com rotação lenta e rentabilidade aleatória.

Além desses autores em volta de um universo de obras “únicas”, visíveis em poucos espaços, com poucos leitores interessados, outros autores circulam em Faro, com mais de uma obra,

localizadas em mais de um lugar, o que permitiu uma segunda interpretação dos dados coletados – o fortalecimento da produção.

Os desejados, os preferidos: o fortalecimento da produção

Dos **59** títulos de obras de literatura para crianças e jovens, **40** deles foram escritos por **8** autores - Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, Ana Maria Machado, Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade - o que revela a constituição de um universo de escritores com maior reconhecimento e circulação em Portugal. Uma ideia de fortalecimento, de construção de uma produção brasileira que se repete, que pode ser reconhecida, nomeada, identificada.

São autores cuja obra se encontra em mais de um lugar e acusa interesse dos leitores. José Mauro de Vasconcelos, Jorge Amado, Ana Maria Machado, por exemplo, estão nas livrarias e nas diferentes bibliotecas. Cecília Meireles e Carlos Drummond têm cada um deles três obras diferentes à venda no alfarrábio e na livraria Simões, sendo que a obra *Giroflê*, *Giroflá* pode ser encontrada em ambos.

Dentre esse universo, algumas obras de alguns desses autores reúnem muitos exemplares em bibliotecas e/ou livrarias. Foi encontrada a seguinte quantidade de livros: *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*: 40 exemplares; *A bola e o goleiro*: 08 exemplares; *Meu pé de laranja lima*: 52 exemplares¹². *A Bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, também foi encontrada com mais de um exemplar em algumas bibliotecas (Biblioteca Municipal de Faro e Biblioteca Escola Básica 2º e 3º ciclos – Dr. José Neves Júnior).

São autores que alcançaram sucesso no Brasil e também em Portugal, em um público mais amplo (José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado), como ainda autores premiados por diferentes instâncias nacionais e internacionais de legitimação literária (Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado). São contemporâneos (Ziraldo) ao lado de outras gerações (Cecília Meireles). Eles se espalham por diferentes instâncias em Portugal: nas páginas dos livros didáticos, como sugestões de leituras em programas curriculares de Língua Portuguesa, em documentos dirigidos aos professores e bibliotecários, na televisão, em forma de filme ou novela.

São autores que circulam em Portugal há décadas, com várias edições e reimpressões, principalmente José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado. *O Meu pé de laranja lima*, publicação

¹² No mês de dezembro, pude constatar que a quantidade de exemplares exposta para venda de *O gato malhado e a andorinha Sinhá* e de *O meu pé de laranja lima* aumentou para mais de uma dezena de cada um deles. Pude ainda acompanhar a venda destes exemplares, o que indicou, provavelmente, que eles foram presenteados a um leitor nas festas do fim do ano. Este fato revela que estes livros têm demanda e atualidade de recepção.

exclusiva da editora Melhoramentos, foi localizado nas seguintes edições: (s/d; s/ed. 1978; s/ed. 1997; 85.ed. s/d; 4ª reimpressão dez/2006), e *Rosinha, minha canoa* (s/d; 28 ed. s/d; 35 ed. s/d; s/ed. 1997). *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, também em várias edições, foi encontrado com editoras diferentes: s/d e 8 ed.1999, pela Publicações Europa América; s/d e 14. ed. 2007, pela Publicações Dom Quixote.

A consulta aos bancos de dados informatizados e impressos, relativos aos empréstimos para leitura da Biblioteca Municipal e das bibliotecas escolares, revela que esses autores ainda circulam, e entre os mais lidos estão: Jorge Amado (42 empréstimos), José Mauro de Vasconcelos (41 empréstimos), Ana Maria Machado (24), Ziraldo (10), Bárbara Vasconcelos de Carvalho (9). Nenhum livro de Lygia Bojunga Nunes teve registro de empréstimo em qualquer das bibliotecas em que eles se encontram.¹³

Quanto ao número de empréstimos diretamente de obras, em primeiro lugar destaca-se *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* (22 saídas na BMF e mais 13 entre as bibliotecas escolares). Na biblioteca da Escola Básica do 2º e 3º ciclos “Santo Antonio”, visitada em 14 de novembro de 2007, pude constatar a existência de 10 exemplares do *Gato Malhado*, porém todos estavam emprestados. Anotei as referências de edição, editora, data, etc., por um exemplar que estava na sala de *xerox* para ser fotocopiado. Em segundo lugar, o *Meu pé de laranja lima*, com 21 saídas na BMF e mais 7 entre as bibliotecas escolares. As obras de Ana Maria Machado, apenas na BMF, tiveram 7 retiradas em média, tendo o livro *O pavão que abre e fecha*, o maior registro de empréstimos no ano de 2007. As obras de Ziraldo, ligadas às Coleções “Corpinho” e “ABZ”, têm uma ou duas referências de empréstimos, mas na escola Básica 1º ciclo “São Luiz”, a coordenadora da biblioteca deu a seguinte informação sobre a saída dos 5 livros de Ziraldo: *podemos afirmar que saíram umas 6 vezes mensalmente. Pontualmente poderia ter sido indicado por uma colega quando acompanhava a turma, mas a maior parte das vezes era da iniciativa dos alunos e não por destaque da Biblioteca.*

¹³ Os dados obtidos sobre leitores não podem ser considerados quantitativamente exatos, mas devem ser interpretados como tendências, porque enfrentei dificuldades de diferentes naturezas: 1- na BMF, alguns livros traziam uma ficha impressa colada no final deles, indicando a saída do livro. Outros não tinham nenhuma ficha; a responsável naquele momento pela biblioteca informou que ela (a ficha) poderia ter caído ou nunca ter sido feita, porque o banco de dados já estava informatizado. Só constavam os dados informatizados de saída de cada livro relativos ao ano 2007, pois os anos anteriores foram deletados. 2 - em algumas bibliotecas escolares, como EB2, 3, Santo Antonio e EB 2, 3, Dr. Neves Júnior, não foi possível acessar a quantidade de empréstimos, porque o banco de dados informatizado é organizado apenas para fornecer as informações por aluno, conforme o DOC-Base utilizado segundo orientação do Ministério de Educação. 3- alguns bancos de dados manuais, com preenchimento de fichas impressas de cada aluno, também são jogados fora a cada ano, como o caso de EB2, 3, D. Afonso II. 4 - O responsável pela biblioteca da EB1, escola do Carmo, informou que depois de minha primeira ida à escola (para levantamento das obras), ele colocou os livros de literatura brasileira à vista das crianças (exposição em uma caixa) e daí em diante houve solicitação de empréstimos. 5 – os dados coletados, portanto, referem-se a períodos diferentes, conforme a dinâmica de cada biblioteca e alguns deles foram obtidos informalmente pelas responsáveis pelas bibliotecas.

Conforme Sandra Soares, entrevistada, a obra *O papagaio Tutuba*, de Bárbara Carvalho, teve 9 registros de empréstimos para leitura, e é um livro que tem muito “giro”.

Por que esses autores e essas obras e não outros transpuseram as águas do oceano e foram encontrados nos espaços visitados destinados à leitura, no sul de Portugal? Por que algumas obras são retiradas ano a ano das prateleiras, se são editadas para serem vendidas nas livrarias?

O sucesso de Jorge Amado, principalmente com *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*; de José Mauro de Vasconcelos com *O meu pé de laranja lima*, de Ana Maria Machado e de Ziraldo em terras portuguesas, parece ter explicações de naturezas diferentes. Assim como a presença de Lygia Bojunga Nunes, Carlos Drummond e Cecília Meireles, embora com pouca demanda para venda e para leitura, também mereçam outras explicações e entendimentos. De qualquer maneira, não são interpretações fáceis e nem sempre completas.

Jorge Amado: pelo caminho oficial e pelo caminho da clandestinidade

Começo por Jorge Amado. Além das obras destinadas ao público adulto que circulam há décadas em Portugal, Amado tem no *corpus* analisado, como já fui antecipando neste texto, especificamente três títulos: *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, *A bola e o goleiro* e *O menino grapiúna*.

O que constitui a força de Jorge Amado com essas obras, em tantas edições e quantidade de exemplares, à disposição dos leitores em Faro? Como ele ganha tanta projeção e é lembrado, assim que eu me apresento e comento sobre minha pesquisa nas entrevistas que faço? Por que este escritor brasileiro provoca lembranças pelas obras lidas, pelos personagens criados, pela sua atuação política?

Por ocasião da morte deste autor, em 6 de agosto de 2001, a imprensa portuguesa dedicou espaço nas primeiras páginas de vários jornais de Lisboa e Porto, destacando: depoimentos de escritores e intelectuais portugueses (*Jornal Público*)¹⁴; a palavra AMADO em um jogo de sentidos com dedicação de nove páginas ao escritor que provavelmente *mais contribuiu para a difusão da língua portuguesa no mundo* (*Diário de Notícias*); relações do escritor com Portugal (*Jornal de*

¹⁴ José Saramago divulgou pela imprensa o seguinte depoimento: "Em primeiro lugar, é uma notícia que se esperava, mais cedo ou mais tarde, porque Jorge estava bastante doente. Como em todos os casos, mas em particular neste, porque ninguém queria que Jorge Amado se fosse deste mundo, íamos esperando que ele agüentasse, mesmo sabendo que ele não iria mais escrever. Chegou o dia em que ele não pôde agüentar mais. No Brasil, penso que é caso para luto nacional. Em Portugal talvez não chegue a tanto, mas não seria má idéia que se demonstrasse não só o desgosto, mas a admiração que a obra e a pessoa mereciam. Ele já não está cá, mas estão os livros. [...] É uma grande perda para a literatura brasileira, para a literatura em língua portuguesa, para a literatura universal". Fontes: Redação Terra, Jornal O Globo, Jornal A Folha.

Notícias, do Porto); qualificações como *maior escritor em língua portuguesa do século XX* (*Diário Expresso*) ou *mestre da amizade na Literatura* (*Correio da Manhã*). Tal material, facilmente acessado pela internet¹⁵, parece revelar o lugar que Jorge Amado construiu como legítimo escritor da língua portuguesa junto a intelectuais portugueses, assim como a notoriedade que alcançou em vida com seus leitores.

É a televisão que dá a Jorge Amado o reconhecimento do grande público pelo que, entre outras coisas, apresenta o *português falado no Brasil* para os portugueses. Como se sabe, a história da telenovela em Portugal começou em 1977, com a transmissão da novela *Gabriela, cravo e canela*:

O Portugal que via televisão parou para ver esta coisa nova que dava todos os dias à hora do jantar: o novo hábito ou ritual de ver a telenovela estabeleceu-se mais depressa do que qualquer outro nas últimas décadas. Quem não tinha televisão em casa juntava-se nos cafés ou tascas; e até as pessoas importantes, como os deputados - a Assembléia da República! -, interrompiam o trabalho pela nação para se juntarem à multidão separada que assistia aos episódios, aliás capítulos, e conhecia e aprendia, também pela primeira vez, esse orgulho quente que é o português falado no Brasil.¹⁶

Mas se no final dos anos 1970, Jorge Amado pôde ser visto pela edição de sua obra em novela de televisão, durante a ditadura de Salazar suas obras “proibidas” só entravam clandestinamente em terras portuguesas. Considerado *persona non grata* pelas suas ligações com o Partido Comunista, pela sua literatura de combate e comprometida com problemas sociais, marcadamente ligados às personagens do povo nas ruas, nos cais, na vida rural; só com o fim da vigilância e censura impostas pelo regime ditatorial é que suas obras começaram a ser editadas com certa regularidade pela Publicações Europa-América.

Quer porque tenha se tornado um autor “maldito” pelas ditaduras ou porque tenha se tornado “querido” pelas personagens que dão vida à alma do povo (na TV, no cinema, nos livros), Jorge Amado tem em Portugal um significativo público leitor de várias gerações, conforme pude reunir em entrevistas com professores e bibliotecários.

Para Olga Maria Costa da Fonseca (professora da Escola Superior de Educação- UALG), *Jorge Amado era lido às escondidas, uma amiga emprestou-me, passávamos o mesmo livro entre amigas, às escondidas por causa da censura da ditadura, a questão da sexualidade*, enquanto

¹⁵ Em uma rápida busca pela internet com palavras-chave, como “imprensa sobre a morte de Jorge Amado”, é possível localizar vários *sites* com matérias publicadas, principalmente nos dias 7 e 8 de agosto de 2001, pela imprensa internacional.

¹⁶ Disponível: <http://www.caestamosnos.org/Pesquisas_Carlos_Leite_Ribeiro/Gabriela_Cravo_Canela.html> – acesso em 07 novembro de 2007.

Maria de Fátima Guerreiros (professora da Escola Dr. Joaquim Magalhães) declara: *sou leitora e apreciadora da obra de Jorge Amado há muito tempo*. E a professora Margarida Afonso, da Escola D.Afonso II, lembra que:

Jorge Amado, até 25 de abril de 1979, era nosso símbolo da esquerda, nas livrarias não ficavam á vista, mas se podia encomendar. Depois desta data, ele vinha pelo Circulo do Livro, que na época chamava-se Círculo Cultural do Algarve

Jorge Amado, mais do que a lembrança pelo valor literário de suas obras, constrói em volta de si mesmo marcas que remetem à clandestinidade. Ora como “símbolo da esquerda”, ora como “símbolo da sensualidade”, ele é citado pelas gerações reprimidas pela censura, pela vigilância.

Os leitores de Amado são identificados não apenas pelos depoimentos colhidos nas entrevistas realizadas. No site www.casadaleitura, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, o link “*Os livros de minha infância*” traz depoimentos sobre leituras que adultos fizeram quando crianças. Entre os livros que são de autoria cosmopolita, *Capitães da areia* é citado por Susana Oliveira, ilustradora e professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, como uma obra marcante em sua vida.

Os leitores aprovam Jorge Amado, que transita entre o gosto mais popular (no sentido mais amplo) e a apreciação de uma classe mais intelectualizada, e ganha pelas instituições oficiais ligadas à educação e à leitura, uma legitimação.

Oficialmente, Jorge Amado é consagrado, um escritor de qualidade, sendo recomendado nos atuais programas de leitura; suas obras são facilmente encontradas em livros didáticos, ou expostas nas livrarias, acompanhadas de selos de legitimação de instâncias promotoras da leitura. É o caso, por exemplo, de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, que se encontra no “Rol de Livros Recomendados” no Plano Nacional de Leitura (2007-2011), e faz parte das obras do “Programa de Leitura Orientada” do currículo de Língua Portuguesa, em vigor, indicado em ambos documentos “para o 8º ano do 3º ciclo”¹⁷. Nas livrarias visitadas, *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, editado a partir de 2001 pelas Publicações Dom Quixote, traz o selo LER + do Plano Nacional de Leitura; pôde ser visto com uma quantidade de 14 exemplares, em umas das visitas feitas à Livraria Bertrand, em 3 de dezembro de 2007.

A história das edições desta obra comprova sua aprovação pelo público e a legitimação pelas instâncias promotoras da leitura. Na consulta feita à última edição, pela Publicações Europa - América, a ficha técnica registrava: *1ª ed. (1.500 ex): out.1978; 2ª ed. (3.000 ex): out.1983; 3ª ed.*

¹⁷ *Capitães da areia* também consta de “Leitura Recomendada” no PNL, para o 9º ano, do 3º ciclo, e em leituras sugeridas em outros programas, mas não está aqui, comentado, porque não foi identificado como livro “infantil” ou “juvenil” em nenhum dos lugares visitados, portanto não faz parte do *corpus* analisado.

(2.000 ex): mar.1991, 4ª ed. (2.000 ex): out.93; 5ª ed. (2.000 ex): fev.95; 6ª ed. (2.000 ex) dez.95; 7ª ed. (3.000 ex): out.1997; 8ª ed. (3.000 ex): fev.99. Na edição exposta nas livrarias, da Publicações Dom Quixote, a ficha técnica indicava: 1ª ed. julho 2001; 14ª ed. março de 2007. Portanto, esta obra circula em Portugal pelo menos há 30 anos e praticamente foi editada, ao mesmo tempo, em ambos os países, pois sua 1ª edição no Brasil é de 1976, pela Record.

Mas se a preferência por Jorge Amado pode ser explicada pelo sucesso que alcançou não só em Portugal, mas também em vários outros países, seja pelas relações que manteve com a intelectualidade portuguesa ou ainda pelo estilo em que traduzia as vidas dos mais humildes em uma sociedade desigual - entre outros motivos - é difícil responder por que especificamente essa obra (*O gato Malhado e a andorinha Sinhá*) é eleita pelos programas oficiais e não outra de Jorge Amado ou de outro autor, como Cecília Meireles ou Carlos Drummond, ou ainda de um escritor contemporâneo.

Dos 29 manuais escolares analisados¹⁸, do 1º ano do 1º ciclo ao 9º do 3º ciclo de escolaridade, de diferentes editoras, fornecidos pelas responsáveis pelas bibliotecas de cinco escolas visitadas, foram encontrados fragmentos diversos, com diferentes propostas de atividades em 6 dos manuais, sendo 5 deles do 8º ano.¹⁹

Fragmentos de suas obras, algumas vezes ocupando toda uma unidade temática, outras vezes compondo com textos escritos por outros autores, sempre estão acompanhados da biografia do autor, inclusive com matéria lamentando sua morte. Por exemplo, na página 125 do livro “Viver o Português” – 8º ano, escrito por Maria Luiza Rodrigues Oliveira, pode-se ler um fragmento que foi retirado de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, edições da Publicação Europa-América, com a apresentação intitulada “*O pedido de casamento*” acompanhada deste enunciado: *Esta é uma história de amor entre duas personagens que nem sequer se poderiam falar: um gato e uma andorinha. Lê este romance e mergulha neste reino maravilhoso em que os animais falam e as estações passam, ao sabor de cada momento.*

Já o livro “Língua Portuguesa”, também para o 8º ano, das autoras Maria Ascensão Teixeira e Maria Assunção Bittencourt, propõe, na p. 54, a leitura de um fragmento da mesma obra, publicada pela editora Dom Quixote. Com o título “*A andorinha Sinhá*”, as autoras assim apresentam a obra:

¹⁸ Foram analisados 29 manuais escolares: 15 do 1º ciclo (1ª a 4ª ano de escolaridade); 07 do 2º (5º e 6º ano de escolaridade) e 07 do 3º ciclo (7º, 8º e 9º ano de escolaridade), de diferentes editoras, fornecidos pelas responsáveis das bibliotecas escolares de cinco escolas. (Anexo – Relação de Livro Didático)

¹⁹ Dos 6 fragmentos, 5 são de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* (4 sem indicação da data de edição e 2 de 2003); 1 do livro *Jubiabá* (s/d) - nos livros que se encontram em circulação nas escolas visitadas. Em consulta aos manuais didáticos do arquivo pessoal da Profª. Dra. Olga Fonseca (ESSE/UALG), foram localizados mais 3 fragmentos, 1

A andorinha Sinhá é um excerto de “O gato Malhado e a andorinha Sinhá: uma história de amor”, obra de Jorge Amado, que dedicou a seu filho, João Jorge, quando este era criança. O livro é constituído de vários capítulos e a acção vai se desenvolvendo ao ritmo das 4 estações do ano: primavera, verão, outono, inverno. Este excerto é o início do capítulo cuja acção decorre na primavera.

As apresentações da obra feitas pelas autoras dos livros didáticos destacam os personagens, o sentimento que os une e o fato de o enredo desenvolver-se entre as estações, um amor que dura um ano.

A biografia presente nos livros didáticos é elogiosa, quase sempre ocupando toda uma página. É a figura do escritor – *marinheiro da palavra, arte a serviço das reformas sociais, da justiça, do humanismo* - que salta das páginas com a intenção de torná-lo familiar às novas gerações. A nota bibliográfica, colocada na página 57 do Livro de Língua Portuguesa, escrito por Maria Ascensão Teixeira e Maria Assunção Bittencourt, da editora Texto (2003), é um exemplo:

A todos os cantos do mundo chegou o grande marinheiro da palavra e da língua de Camões, capitão do sonho de mudança, na rota do humanismo e da justiça. Aos 88 anos fecharam-se os olhos de Jorge Amado. [...] Diversos prémios testemunham as virtualidades da sua ficção, entre os quais o Prémio Camões (1995). O Nobel, que oficialmente não lhe deram, foi-lhe automaticamente outorgado pelos milhões de leitores que há muito o haviam eleito como um dos maiores criadores da literatura contemporânea. Jorge Amado soube colocar a sua arte ao serviço de necessárias reformas sociais, cruzando inteligência, lucidez, humor e coração, numa linguagem eivada de humanidade, por isso resgatadora e perene.

Os manuais didáticos aproximam-se do padrão estético dado pela intelectualidade, reforçando, na biografia do autor, os aspectos que lhe dão *status* de um grande escritor.

As obras *A bola e o goleiro* e o *Menino grapiúna* não aparecem nos manuais escolares consultados, mas estão citadas no documento “Materiais de Apoio aos Novos Programas de Língua Portuguesa, Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, Reforma Educativa de Língua Portuguesa, Comunicação Oral. Leitura Recreativa e escrita expressiva e lúdica”, de 1993, nas páginas que trazem as “Sugestões para a constituição da biblioteca da turma”, 2º e 3º ciclos respectivamente. Também *A bola e o goleiro* e *O menino grapiúna* estão indicados para os 1º ciclo e 2º/3º ciclos, no “Catálogo de documentação escolar do Ensino Básico”, do departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento, Ministério da Educação, Comunidade Europeia, Fundo Social Europeu, 1998.

Portanto, uma das explicações para a presença da obra de Jorge Amado em território português, atravessando décadas, pode ser dada pela força da instituição escolar que o legitima, que

referente a *Capitães da areia* (1992) ; 1 aos *Velhos marinheiros* (1983) e mais 1 a *Mar morto* (1983), para o 7º e 8º anos do 3º ciclo. (Anexo: Lista dos autores atuais e não-atuais).

o divulga, que estimula a sua aquisição. O caso de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá* é um exemplo, pois a obra é encontrada nas livrarias, é emprestada na BMF ou em várias bibliotecas escolares, é fotocopiada - provavelmente para cumprimento de tarefas escolares - é visitada em vários *sites* e *blogs* de escolas (<<http://www.ebivc.org/joomla/index.php>>, acessado em: 21/nov./2007), os quais a comentam, além de ser lida em fragmentos nos manuais escolares.

Por outro lado, outras instituições, como por exemplo, a Fundação Calouste Gulbenkian, podem ser também responsáveis pela presença e divulgação das obras de Jorge Amado, tanto as voltadas para o público infantil como para o juvenil. De fato, os exemplares de *O Gato Malhado e da andorinha Sinhá* e *A bola e o goleiro* que foram encontrados nas bibliotecas escolares e na Biblioteca Municipal de Faro, trazem o carimbo desta Fundação.

Como se sabe, a Fundação Calouste Gulbenkian criou, em 1958, uma rede de bibliotecas itinerantes e mais tarde de bibliotecas fixas (1961), com a intenção de levar livros a populações das mais isoladas regiões de Portugal, em uma época, segundo a própria entidade, de “atraso cultural do país”.

Segundo Mello (2002), a Fundação “tem um papel decisivo na consagração da leitura pública de Portugal” porque é ela, num “contexto de obscurantismo”, que põe em circulação um projeto bibliotecário que incorpora os “princípios básicos da leitura pública moderna (o serviço gratuito para todos, o empréstimo domiciliário e o livre acesso às estantes)” somando-se a uma “finalidade tripla: educativa/cultural/ recreativa.” (p. 282/3).

Mas, quando a situação cultural do país torna-se distinta do momento em que foi criada essa rede - com maior concentração da população em bairros periféricos, ampliação da escolaridade obrigatória, melhoramento dos meios de comunicação rodoviária, entre outros - são necessárias outras ações e projetos, conforme Boletim Cultural publicado pela Fundação, ano 1993:

Todos esses fatores vieram determinar uma revisão de uma reestruturação da própria FCG, de reduzir o número de bibliotecas itinerantes e transferir para 24 autarquias os encargos do pessoal e de combustível e [...] fundos bibliográficos itinerantes foram sendo desativados e transferidos tanto para as bibliotecas fixas como para as bibliotecas municipais de rede nacional de leitura pública. Tais fundos, no seu cômputo, elevam-se a cerca de cinco milhões de exemplares espalhados por todo o país [...].

Desde então, o Estado e as autarquias passaram a assumir responsabilidades no domínio da leitura e da escrita, e a Fundação passou a atuar com uma política de dinamização especificamente voltada para “apoio à leitura”. As ações são centradas na criação de programas de formação de profissionais, na melhoria da infra-estrutura dos espaços dedicados à leitura, no financiamento de projetos culturais elaborados pela comunidade local.

Portanto, embora Faro contasse com o acervo da biblioteca fixa a funcionar junto com a biblioteca municipal, os exemplares encontrados com o carimbo da Fundação na Biblioteca Municipal de Faro, são provas concretas dessa doação do acervo em meados de 1990 e das mudanças nas ações da entidade.

O acervo das bibliotecas fixas funcionava sob os cuidados da Câmara de cada município, que no caso de Faro era muito maior do que o da biblioteca municipal, e o único que funcionava com empréstimo, em horário diferente da biblioteca municipal. Para Idália Palma Affonso Conceição (funcionária administrativa da BMF, que trabalhou como funcionária da Câmara responsável pela Biblioteca Fixa da FCG):

A Fundação teve um trabalho importante porque as suas bibliotecas itinerantes eram o único acesso à leitura de livros, por empréstimo, em Portugal. As carrilhas de livros chegavam nos lugares mais longe no interior de Portugal, onde não existiam bibliotecas. As bibliotecas itinerantes corriam pelo país. E as fixas eram fixas. No Estado Novo, eram os mesmos livros de leitura no ensino primário que passavam de irmão para irmão, livros de estudos eram os únicos.

Para Rocha (1992), quase exclusivamente graças a esta instituição, as crianças portuguesas puderam ter durante a ditadura, além do livro escolar, a leitura do livro como prazer, com a escolha e recusa livre em sua aprendizagem como leitor. Para esta autora:

A ação das bibliotecas fixas e itinerantes da FCG faz-se sentir pela repercussão em dois campos: 1.empréstimo de livros, acesso gratuito às obras, em meios dos mais isolados; 2. aquisições regulares e substanciais para abastecimento das bibliotecas – aliciante para os editores atentos ao escoamento das edições e a sua quantidade. (p.97).

Deste modo, a Fundação Gulbenkian foi responsável não só por proporcionar o encontro do leitor com o livro de literatura, como também por formar acervos, que por sua vez impulsionariam uma produção de livros para crianças - bastante precária no país, até então - para atender à demanda dessas bibliotecas fixas e itinerantes.

Por causa desse cliente garantido e seguro - a Fundação - as editoras puderam investir na produção de livros, não só para atender à diversidade de gêneros, como também à carência de obras voltadas para o público leitor infantil e juvenil, e ainda para editar uma significativa quantidade de exemplares de uma mesma obra.

De acordo com a funcionária Idália, *cada obra vinha com 10 a 12 exemplares*, embora ela não se lembrasse de livros infantis de autores brasileiros, porque no acervo não havia distinção entre portugueses ou não.

Deste modo, um autor que fizesse parte deste acervo que “corria” por regiões distantes com mais de um exemplar, em uma época de pouca produção literária voltada para o público infantil e

juvenil, significaria a possibilidade de ser conhecido, lido “por um grande número de crianças portuguesas que acorriam às bibliotecas da Fundação CG”. (Boletim Cultural, 06/1993).

Mas, como fazer parte desses acervos? Que livros e autores, segundo a visão da Fundação, corresponderiam aos seus princípios, mais de uma vez declarados nos documentos da entidade?

Sem se abdicarem do seu caráter informativo, estes números antológicos [Dos Boletins Culturais] dedicados aos leitores infanto-juvenis revestem igualmente de um propósito formativo – nomeadamente o de formarem o gosto das gerações mais novas, não só respondendo as suas naturais apetências, mas tratando de já ir “afinando” e tornando mais exigente o seu “próprio paladar”. (aspas do autor) (Boletim Cultural, 10/ 1986; 4).

Quem selecionava tal obra e autor e decidia pela sua aquisição? Até o ano 2002, quando foram extintos os Serviços de Apoio às Bibliotecas Fixas e Itinerantes, a Fundação Calouste Gulbenkian contava com a “Comissão de Leitura” dos livros, que emitia pareceres sugerindo a aquisição ou não de tal obra para fazer parte do acervo de suas bibliotecas.

As obras eram avaliadas como “excelente”, “muito bom”, “bom”, “médio”, “fraco” ou “mediocre” e recebiam um “muito recomendável”, “recomendável”, “aceitável” ou “não-aceitável”, além de serem classificadas em um gênero, recebem um nível de acessibilidade e a indicação da adequação à idade do leitor, sendo a crítica assinada e datada pelo recenseador.

Em consulta aos 29.896 livros, com seus respectivos autores, e com os pareceres²⁰ emitidos desde os anos 1960, identificamos, entre outros, *O menino grapiúna* e *A bola e o goleiro*.²¹

Isso significa que uma das entradas e modos de circulação dessas obras de Jorge Amado em território português foi pelas bibliotecas da Fundação Gulbenkian, que emitiu pareceres favoráveis e autorizou sua aquisição.

Sobre o *Menino grapiúna*, indicado como “muito recomendável” e de valor “excelente”, segundo parecer de Adolfo Simões Muller, em 1983, é destacado que não se trata de um *livro máximo na carreira gloriosa do grande escritor de tantos livros que enriqueceram, não só a língua portuguesa, mas o patrimônio literário da humanidade [...] traduzidos em cerca de quarenta idiomas, atingindo no total qualquer coisa de 17 milhões de exemplares!*

A crítica “desmerece” em parte a obra, para em seguida destacar o mérito: *encantador livro de memórias – com qualidade das ilustrações e apresentação bem cuidada e bela do livro*. E nessa direção, *O menino grapiúna* é aceito principalmente pelo reconhecimento do autor, pelo seu pertencimento como *patrimônio literário da humanidade*, pelo *fascínio do seu modo de narrar, do*

²⁰ Disponível em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>

²¹ Foram localizados ainda os seguintes autores brasileiros com obras destinadas ao público infantil e juvenil: Ziraldo, Lygia Bojunga Nunes, Érico Veríssimo, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Carlos Drummond de Andrade, Stella Carr, Ana Maria Machado, Lúcia Pimentel Góes, Ricardo Azevedo, Monteiro Lobato, Zélia Gattai; Beatriz de Almeida.

seu poder admirável de contador de histórias. [...], senhor de um estilo pessoal e muito poderoso [...] – o bem Amado de todos nós, louvado por dezenas de personalidades.

Não são muito diferentes os aspectos privilegiados para serem comentados a respeito deste autor no parecer escrito por Guilherme Castilho, em 1986, sobre a *A bola e o goleiro*, com “muito recomendável” e “muito bom”. Mais do que a obra, louva-se o escritor, com seu estilo já marcadamente apreciado e identificado como autor de obras exemplares.

Quem apenas tiver em mente o realismo cru e desenganado cepticismo dos livros da última fase do grande Jorge Amado deve achar bem estranha, bem pouco dele a poesia, o humor, a fantasia, desta preciosa história de futebol. O mesmo, estou certo, não acontecerá, porém, a quem tiver em mente aquela outra sua fase literária em que a poesia – o sentimento poético do mundo – era o mais determinante ingrediente das suas realizações romanescas. O que se lembram de *Os capitães da areia*, do *Jubiabá* e, sobretudo, do *Mar morto* - esses – não poderão estranhar que o romancista tivesse agora escrito esta saborosa, original e engraçadíssima história a que deu o nome de *A bola e o goleiro* [...]. (CASTILHO, 1986)

Embora a história seja considerada original, engraçadíssima, com poesia e fantasia, ter excelente edição, expressivas ilustrações, ela é mais uma do *grande* Jorge Amado, do autor consagrado e conhecido por inúmeras obras, quer de sua fase de *realismo cru*, quer do *sentimento poético do mundo*. Ela é uma obra que vem puxada por outras já lidas e pela consagração do seu autor, cujo público já foi seduzido e conquistado.

Tais pareceres favoráveis não só indicam que a Fundação legitimava esse autor e suas obras para comporem seus acervos de Bibliotecas fixas e itinerantes, como também que as adquiria em vários exemplares, espalhando-os por todo o território português.²²

Jorge Amado, portanto, circula em Portugal, e não exclusivamente por sua qualidade literária (poderiam ser vários outros autores brasileiros), mas provavelmente pelo valor simbólico que foi construído em torno dele ao longo desses trinta anos, por diferentes gerações de leitores. A recepção desse autor e de suas obras deixa de ser orientada unicamente pelo critério literário e contempla outros aspectos: tê-lo na estante é ser apreciador da boa literatura; conhecer sua obra é conhecer um patrimônio da humanidade; compartilhar das idéias do autor é ser ligado aos ideais da esquerda; lê-lo é ter contato com um estilo vivo, poético, pessoal, que enriquece o conhecimento lingüístico; lê-lo é conhecer o “maior escritor da língua portuguesa”; lê-lo é cumprir as tarefas exigidas pela escola.

Eleger uma obra e não outra, gostar de uma e não de outra, não são ações que dependam exclusivamente de uma avaliação sobre a qualidade literária de determinado texto.

²² Para o primeiro livro avaliado, foi autorizada a aquisição de 235 exemplares e para o segundo, 1.025 exemplares, conforme informação no final de cada parecer.

O capital simbólico construído em torno de Jorge Amado pode ser entendido pelo peso da posição que ele conquistou no campo literário, por suas relações políticas, através da divulgação de suas convicções de esquerda. Esta imagem sustenta não só a preferência por este autor, como justifica a adoção de qualquer uma de suas obras, como aquela que compõe o “catálogo de obras que devam ser lidas”, como representativas de tudo o que ele agrega.

Mas parece que o sucesso de *Meu pé de laranja lima* e de José Mauro de Vasconcelos em terras portuguesas é composto por outros critérios.

José Mauro de Vasconcelos: pela força da tradição

José Mauro de Vasconcelos foi o autor encontrado com a maior diversidade e quantidade de títulos espalhados por todos os espaços visitados, pelas prateleiras destinadas a livros juvenis ou lusófonos.²³

Nesse conjunto de obras localizadas, ganham destaque *Rosinha, minha canoa* e, principalmente, *Meu pé de laranja lima*, pela quantidade de empréstimos registrados nas bibliotecas, pela quantidade de exemplares à venda nas livrarias ou expostos nas bibliotecas, pelas referências dos entrevistados.

Por que é o mais lido entre os que compõem este *corpus* da pesquisa, o mais lido entre as obras do próprio Vasconcelos?

Meu pé de laranja lima não consta dos atuais “Programa Curricular de Língua Portuguesa”, nem do “Plano Nacional de Leitura”, como também não aparece nos *sites* sob responsabilidade do Ministério da Educação em articulação com o da Cultura e com o do Gabinete de Assuntos Parlamentares, que têm como intenção “assegurar a comunicação dos programas e a interação com as escolas e com todas as entidades envolvidas [...] em permanente actualização, com orientações de leitura para cada idade e com instrumentos metodológicos destinados a educadores, professores, pais, bibliotecários, mediadores, animadores e eventuais voluntários.”²⁴ Porém, recuando um pouco no tempo, é possível localizar na década de 1990, no documento “Materiais de Apoio aos Novos Programas de Língua Portuguesa” (1993), *O meu pé de laranja lima* para o 7º ano, e *Rosinha, minha canoa* para o 8º ano, como “Sugestões para a constituição da biblioteca da turma”.

Mas sua leitura, diferentemente de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, não é indicada como uma das três obrigatórias a serem escolhidas entre cinco títulos. Enquanto leitura recreativa e

²³ *Arraia de fogo, Banana brava, Rua Descalça, Vazante, Longe da Terra, O veleiro de cristal, Barro Blanco, Farinha órfã, Confissões de Frei Abóbora, Seara vermelha, Rosinha, minha canoa e Meu pé de laranja lima* foram as obras localizadas.

²⁴ Disponível em: <<http://www.plamonacionadeleitura.gov.pt>>., acesso em: 12/out./2007, p. 2).

lúdica recomendada, *Meu pé de laranja lima* está presente em uma listagem com 45 títulos que são propostos como “Sugestões para a constituição de uma biblioteca do 7ºano”, ao lado dos brasileiros *O menino grapiúna*, de Jorge Amado; *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes; *Clarissa e A vida de Joana D’Arc*, de Érico Veríssimo.

Também essas duas obras estão no “Catálogo de documentação escolar do Ensino Básico - 2º, 3º ciclos.” (1998), que é organizado por sessões que distribuem as obras de literatura em “Portuguesa;” “Africana” e “Brasileira”. Essas duas obras de José Mauro de Vasconcelos estão indicadas, juntamente com mais vinte e cinco títulos dos autores: Carlos Drummond de Andrade, Mario de Andrade, Machado de Assis, Joracy Camargo, Paulo Coelho, Luis Jardim, Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Lygia Bojunga Nunes, Graciliano Ramos, Fernando Sabino, Érico Veríssimo, além de Jorge Amado, numa proposta configurada por textos em prosa e em versos, por autores contemporâneos ou não, alguns premiados e outros praticamente desconhecidos.

Nos manuais didáticos localizados, os 5 fragmentos de autoria de José Mauro de Vasconcelos são apenas do *Meu pé de laranja lima*, sendo 2 em livros atuais (sem datas de edição) e 3 em livros fora de circulação (1976, 1978, 1978). Embora com uma diferença mínima, parece que o *Meu pé de laranja lima* tenda a ser menos presente nos manuais didáticos com o passar do tempo.

Em relação à presença de fragmentos em manuais didáticos, o sucesso dessa obra não pode ser explicado como um todo. Por exemplo, no total dos manuais didáticos consultados, Cecília Meireles aparece com recorrência numérica muito maior do que José Mauro de Vasconcelos e com mais títulos diversos, e nem por isso tem obras expostas em livrarias ou obras para empréstimo em bibliotecas. São **31** textos nos livros em circulação e mais **17** nos livros não-atuais (Anexo autores atuais e não-atuais) desta poetisa.²⁵ Também Carlos Drummond de Andrade, o próximo em relação à recorrência, tem **7** textos em livros atuais e mais **8** em livros não-atuais. No entanto, tais autores foram encontrados apenas na livraria e alfarrábio Simões, com outras obras que não as que estão representadas nos manuais didáticos.

A presença e o interesse, principalmente por *Meu pé de laranja lima*, também não parecem ter sido impulsionados pelas ações da Fundação Calouste Gulbenkian. Nos documentos

²⁵ A autora que se destaca com larga distância em relação aos demais brasileiros é Cecília Meireles, com poemas, em sua grande maioria, retirados da obra *Ou isto ou aquilo* (não encontrada como livro em livrarias ou bibliotecas). Cecília Meireles aparece numa grande (pode ser?) variedade de manuais, com mais de um texto no mesmo livro, e em todos os anos de escolaridade, com exceção do 9º ano. Os manuais do 5º ano apresentam o maior número de seus poemas. Apenas os poemas *A bailarina* (3x), *As meninas* (2x) e *A chácara de Chico Bolacha* (2x) e *Colar de Carolina* (2x) estão repetidos. Carlos Drummond aparece com 15 fragmentos de textos em prosa e em verso, sendo 7 atuais e 8 não-atuais, distribuídos por 10 manuais didáticos.

consultados²⁶ não há nenhuma referência às duas obras. Também todos livros de José Mauro de Vasconcelos localizados na BMF não trazem o carimbo da Fundação Gulbenkian, como os de Jorge Amado e de Lygia Bojunga Nunes, por exemplo. No entanto, Idália Conceição, quando indagada sobre se havia lido *Meu pé de laranja lima*, respondeu que: *Li , li também Rosinha, minha canoa. Eles faziam parte do acervo da FCG. Certeza. Mas não como infantis.*

Os caminhos de circulação de *Meu pé de laranja lima* não parecem ser aqueles que expressam o selo legitimado pela escola ou por qualquer outra instituição oficial. Ainda que fragmentos da obra estejam em livros didáticos e ela seja sugerida para prática de leitura recreativa, a hipótese é que sua presença na instituição escolar se faça de forma diversa de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*. Parece haver um movimento fora da escola, não oficial, independente dela, que provoca a leitura até mesmo no interior desta instituição.

Por que este livro é tão lido e retirado para empréstimo? Por que ele está nas livrarias sem qualquer referência à instituição escolar? Que aspectos da obra são destacados pelos seus leitores? Que aspectos da obra são destacados na última edição que se encontra nas livrarias?

Em diferentes lugares visitados por ocasião do levantamento dos livros escritos por autores brasileiros, foi comum obter a informação, espontânea e informal, das pessoas que me recebiam ou me acompanhavam, de que elas tinham sido ou são ainda leitoras de José Mauro de Vasconcelos. Também, quando eu *escaneava* a capa de uma edição, ouvi o comentário de um funcionário da secretaria da Faculdade de Ciências Sociais, na universidade: *eu li este livro, mas não tinha esta capa. Eu tenho ele em casa.*

Falas e comentários como esses sugerem uma relação afetiva com o livro, além de sua atualidade no campo da recepção. Tais falas e comentários incitam o desejo e a necessidade de ampliar as fontes de pesquisa, incorporando entrevistas com esses profissionais-leitores de José Mauro de Vasconcelos. Investigar por que, principalmente *Meu pé de laranja lima*, é a obra mais lida dentro do *corpus* analisado, tendo sido, ao que parece, tão significativa para uma geração de leitores, hoje adultos. Teria sido leitura obrigatória na escola em algum momento? Foi indicada por alguém? Quando foi lida? Por que o interesse por ela se mantém até hoje?

Todos os leitores entrevistados lembram com entusiasmo do livro. Para alguns, provavelmente, tenha sido indicado pela professora de Português, devendo-se sua leitura à escola, mas segundo a Prof^a Margarida Afonso:

²⁶ Foram consultados, na forma impressa, os Boletins Informativos dos Serviços de Bibliotecas do nº 01, out.1960 ao nº 01, série VI, jan.1984; Boletins Culturais dos Serviços de Bibliotecas, nº01, série VI, nov.1984 ao nº 03, set. 1996, série VIII; Boletim Internacional de Bibliografia Luso- Brasileira do vol 1., jan-março 1960 a vol. 14, de jan-março 1973. Em consulta on-line foram consultados 29.896 pareceres, em 997 páginas, emitidos pela Comissão de Leitura desde 1960.

*Fiz uma consulta ao “Programa do Ensino Preparatório”, década de 1970, não havia nenhuma lista de livros recomendados. Mas havia **adendos do Ministério da Educação** com obras indicadas e em uma dessas listas tinha *Meu pé de laranja lima*. A obra aparecia muito nas aulas, na década de 1970, para o 3º Ciclo. Minha irmã mais nova leu no 7º ou 8º ano, como obrigatória ou aconselhável pela escola, provavelmente no ano de 1977.*

Durante a entrevista que ocorreu na biblioteca da escola, outra professora de Língua Portuguesa aproximou-se e Margarida perguntou-lhe se sabia se tal obra havia sido adotada oficialmente em algum programa de leitura. Ela diz que não, que o livro era “recomendado”, e dentro de uma lista podia ser escolhido para ser lido por toda a classe.

O relato de Maria Filomena Palma Branco (professora do 1º ciclo, atualmente na Direção Regional da Educação do Algarve) também aponta para o caminho percorrido pelo livro:

Lembro-me de excertos em livros de ensino e que eram trabalhados em sala de aula. Também me lembro de ter lido porque indicado por uma professora que gostava e incentivava muito a leitura. Mas li, principalmente porque todos liam. Tenho o livro até hoje em casa, e minha filha também leu, no final dos anos 1980, porque indiquei.

De qualquer maneira, ao lado da ideia de um livro que está na escola, mas não de forma obrigatória, tem outra, que é a circulação livre da obra entre colegas, entre amigos, na turma, como coloca a Profª Olga Fonseca:

*Meu pé de laranja lima, nós líamos fora da escola, não por indicação e nem de recomendação de alguém ligado à escola. Havia uma edição menor, com diálogos selecionados de *Meu pé de laranja lima* e de *Rosinha, minha canoa*, que comprávamos para dar de presente aos amigos, no aniversário, nas festas. Tenho até hoje um desses exemplares.*

Carlos Afonso (Direção Regional da Educação do Algarve) reforça a ideia: *Li aos 14 anos, não indicado pela escola, porque fiz Ensino Técnico que não incentiva leituras de livros. Foi o primeiro livro de língua estrangeira que li. Eu considero este livro uma leitura para o público feminino.*

A leitura do *Meu pé de laranja lima* corre entre leitores, sem a obrigatoriedade da escola, mas às vezes sugerida por ela. Mas por que tal livro provocou e provoca tanto impacto em seus leitores?

Para Virgínia Albistana (Direção Regional da Educação do Algarve):

O livro era muito comentado e a professora levou para a escola. A história transmite valores que a família valoriza, passa valores, e nós acreditávamos que isto era importante para as crianças e passa-se isto pela leitura. A história é muito rica. Li o livro há muito tempo, é uma leitura explicativa, sobretudo passa valores. E através da leitura, da linguagem, consegue-se melhor do que com conselhos em casa, na família.

A geração 25 de abril acreditava muito nisso, na importância desses valores, como solidariedade, generosidade, amizade. Até 1988 dei aulas para crianças de classe média-baixa e este é um livro que era importante, que marca a vida da pessoa que lê..

A força da mensagem que forma as crianças, segundo determinados valores, parece explicar o interesse pela obra. Mas não só isto. Para a Prof^a. Olga: *É provável que tenha sido muito lido pela força da temática, que é atemporal, pelos personagens mais jovens.*

Em uma época, anos 1970, quando a produção literária voltada para crianças era predominantemente povoada por heróis nacionais e mitos universais, com personagens idealizados e distantes da realidade portuguesa (ROCHA, 1996), este livro pode ter cativado leitores. Uma história com personagens jovens como os jovens leitores, a falar da injustiça social e econômica, das dificuldades de uma classe mais pobre, da bondade de um senhor português, aspectos que se mostram diferentes dos que lhes eram oferecidos até então. *Este livro deve ser lido até hoje porque os pais leram, gostaram e o indicam, aconselham a ler. Eu mesma indiquei para meus filhos (hoje com 17 e 18 anos) – há algo a aprender com o livro, com a história, força da história pelo que transmite, agarra-se o jovem pelo personagem. Na minha geração havia poucos livros juvenis e Meu pé de laranja lima fazia parte dos livros de nossas estantes.* (Maria Teresa dos Santos Aleixo – Coordenadora da Biblioteca Escolar da Escola D. Afonso III)

No link “Os livros de minha infância”, citado anteriormente, dois depoimentos - de Rita Quintela e de Susana Oliveira - citam *Meu pé de laranja lima* como obra lida na infância e lembrada até hoje.

Portanto, *Meu pé de laranja lima* é um livro que se presenteia, que circula na escola como sugestão, sendo indicado por uma professora de português que gosta de ler e guardado mesmo depois de ter sido lido há três décadas; que é oferecido para outras gerações e lembrado como objeto-livro (capa, formato, tamanho); faz parte dos livros que merecem ser lembrados, passa de mão em mão (todos liam; fala-se dele mesmo sem alguém perguntar - gestos que compõem um circuito entre leitores, sem obrigatoriedade ou exigências. Sentimentos de leitura que marcam uma geração. Impacto em uma geração que consolida um gosto e o prolonga para outras gerações.

Marcou e marca por quê? Pela história comovente, rica, que tem força; pelos personagens jovens, que agarram o leitor; pela temática atemporal; pelo que transmite, pelo que se aprende, pelos valores – solidariedade, generosidade, amizade – que a família valoriza.

A bibliotecária Salomé Horta relata que:

A partir de 2003, a proposta da biblioteca é assumir um papel educador, cívico, de formação do leitor que começa muito cedo e com a colaboração da família. O projeto “Brincar de ler”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo, é voltado para a criança de 0 a 5 anos e nele a família tem papel fundamental. E a família gosta não só que sejam livros para ler, mas também que resolvam problemas, transmitam mensagens e valores. Somos sensíveis a esta questão, a leitura à serviço de alguma coisa, e partimos do gosto da família para a apreciação da leitura e sua prática constante.

Nesta perspectiva, se a escola aqui não assume oficialmente e de forma explícita a leitura de *Meu pé de laranja lima*, tem-se uma outra instituição - a família - que parece elegê-la como uma das importantes obras para fazer parte da biblioteca de casa. A mãe compra, presenteia, indica para os filhos. A leitura do livro é marcante, comovente, mas é necessária porque *funciona melhor que conselhos familiares*.

Parece que Jorge Amado é eleito o escritor preferido pelo autor que é – estilo pitoresco, um bom contista, melhor escritor da língua portuguesa - ou como militante na luta por um mundo melhor - comunista, humanista. Modelar em sua escrita, modelar em seus ideais. Já José Mauro de Vasconcelos é eleito pela leitura que ensina, educa, forma a criança, pela história que comove e emociona. Ocupa um lugar no seio da família.

É provável que José Mauro de Vasconcelos (não podemos esquecer que é o autor que está em todos os lugares visitados - bibliotecas, alfarrábios e livrarias - com muitos títulos diversos) tenha se tornado um clássico, em uma sociedade que valoriza a tradição.

Mas, além do empenho no seio da família e da orientação na escola, outra instituição – a mídia - parece que colabora para o sucesso de *Meu pé de laranja lima* até hoje. A obra foi transformada em novela e filme e transmitida pela televisão portuguesa. A Prof^a. Margarida Afonso comenta : *Também o livro tem sucesso até hoje porque posteriormente a telenovela provocou uma onda de mais leitores. Uma novela que passava no horário da tarde*. E Carmem M. Antonieta Castanhinha, funcionária responsável pela Biblioteca da Escola Afonso III, lembra que:

Li Meu pé de laranja lima aos 8 /9 anos como presente de minha mãe. Minha mãe tinha costume de me dar livros como presentes. Assisti ao filme que passou em um final de semana (sábado ou domingo) e mesmo depois de ter lido o livro, lembro-me de ter chorado muito. A história é comovente! Não me lembro do livro na escola.

As páginas impressas prendem o leitor, a mensagem ensina e o livro continua nas telas portuguesas. Segundo matéria recente publicada no Correio de Notícias, de 8 de julho de 2007²⁷, o Canal de Língua Portuguesa (CLPTV) que emite programas para as comunidades lusófonas nos países da Europa Central, pretende alargar sua influência para outras nações e passará brevemente a ser distribuído por canal a cabo. Segundo o seu diretor, Pedro Mariano, a estação propõe fazer a ligação *entre quem vive no exterior e as famílias que se encontram no seu país de origem*. E mais adiante ele informa que:

O futebol e as novelas fazem parte dos gostos dos portugueses, estando já garantidos os direitos de transmissão para França e Luxemburgo de dois jogos por jornada da Liga Profissional de Futebol, envolvendo sempre os três grandes. A estação comprou também

²⁷ <<http://www.correiomanha.pt/noticia>> - acesso em 12/01/2008

os direitos de exibição de algumas das mais importantes novelas brasileiras de sempre, como 'Meu pé de laranja lima' e 'Os imigrantes'

Tal depoimento parece indicar que, em tempos de televisão paga, a novela do romance homônimo *Meu pé de laranja lima* continua a fazer sucesso.

Família e Mídia são instituições significativas para a atualidade da recepção da obra, porém parece que a editora Melhoramentos também tem sua parcela de contribuição neste sucesso. Como dissemos, desde os anos 1970 ela tem uma penetração significativa no mercado português, colocando em circulação todas as obras de José Mauro de Vasconcelos e investindo com uma sucursal em Portugal, nos anos 1980 e 1990.

A Melhoramentos, como também a Publicações Europa-América, são editoras que pioneiramente entraram no mercado português, apostando em dois autores - José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado - sucesso garantido em várias partes do mundo, traduzidos em várias línguas, transformados em filmes e novelas por muitos países, em um momento em que, segundo Rocha (1992), são propícios à leitura. Para a autora, desde os finais dos anos 1960, mais crianças vão à escola por mais tempo, portanto isso determina a produção de mais material a ser consumido, com maior variedade. Novas técnicas de ensino promovem mais leituras para bibliotecas de turma, consolidam a leitura extraclasse como elemento favorável ao domínio da língua materna e como leitura individual e de lazer. E, segundo Rocha (*op.cit.*), mesmo ainda com a censura de livros e de jornais estabelecida pela ditadura e pelas dificuldades ocasionadas pela guerra colonial, os últimos anos da década de 1960 já tinham marcado um período de fomentação no setor educativo, com consequências nas relações da criança com o livro.

O prolongamento da escolaridade aumenta, hipoteticamente, o número de consumidores de livros. Iniciativas oficiais para o incremento à leitura (inclusão do estudo da literatura nas escolas de Magistério Primário, compra anual de livros para crianças a serem distribuídos para todas as escolas do Ensino Primário e cursos para professores responsáveis por bibliotecas escolares, entre outros) animam o mercado livreiro, a partir dos anos 1970, justamente o período em que foram localizadas as primeiras edições de José Mauro de Vasconcelos em terras portuguesas.

A Editora Melhoramentos, tal qual a Publicações Europa-América, lança suas obras com os mesmos projetos editoriais que circulam no Brasil, sem adaptação para a modalidade da língua de Portugal. Segundo informação dada em entrevista, Leila Balistriieri diz que a Editora Melhoramentos tem o mesmo projeto editorial para *Meu pé de laranja lima* - mesmo texto, mesma ilustração, mesma capa -, no Brasil e em Portugal. A única diferença é a inserção do logotipo da Dinapress na capa a ser comercializada em Portugal, antes de ser impressa a remessa solicitada pela Distribuidora.

A última edição do *Meu pé de laranja lima* (2006)²⁸ à venda nas livrarias, distribuída pela Dinapress em Portugal, traz na capa a imagem de um garoto sozinho e pensativo (mão abaixo do queixo), com olhar triste ao longe, sentado em nuvens, em uma noite estrelada, ao lado de uma pequena árvore. A frase colocada no pé da primeira página do livro - *História de um meninozinho que um dia descobriu a dor* - acompanhando somente o título do livro, parece traduzir em palavras a imagem da capa. Trata-se da história de um menino pobre (pés descalços), sonhador, que vai sofrer muito.

Na quarta capa, o texto:

O leitor vai encontrar a história comovente do menino Zezé, de seis anos, um rapaz pobre, inteligente, sensível e carente. Com a falta de afecto que não se encontra na família, o endiabrado rapaz vai pelas ruas fazendo mil travessuras. Zezé aprendeu tudo sozinho, é o “descobridor das coisas”. Descobre a ternura e o carinho no amigo “Portuga”. Inventa para si um mundo de fantasias em que o grande confidente é o Xururuca, o pé de Laranja Lima. Mas a vida ensina-lhe tudo demasiado cedo, e Zezé descobre o que é a dor e a saudade – “Por que contam coisas às criancinhas?”.

A ilustração na capa da frente, a epígrafe na página de rosto, o texto da quarta capa sugerem a história comovente do menino solitário, que tem um pé de laranja lima como seu companheiro.

A capa de uma outra edição (ano 1997) traz um menino trepado no galho de uma árvore, com um sorriso e olhar travesso, trazendo no bolso um estilingue. Uma galinha perto da árvore dá ideia de um cenário menos urbano. Contrastes, novos sentidos. Menos apelativo na dor e no sentimento de solidão. Mais centrado na imagem de uma infância livre, com travessuras, sendo o pé de laranja lima lugar de brincadeiras.

Segundo Chartier (1996, p.125), as obras adquirem sentido nas relações estabelecidas entre três polos: “o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera. Das variações deste relacionamento triangular dependem, com efeito, mutações de significado [...]”.

As edições (1997 e 2006) de *Meu pé de laranja lima*, diversas em seus projetos editoriais, sugerem um gosto construído entre os leitores desta obra, gosto este que se solidifica, mas que também muda através do tempo. Pode-se colocar, como hipótese, que a última edição busca uma aproximação, em palavras e imagens, do projeto com aquilo que os leitores-entrevistados destacam como marcantes na obra: história comovente, personagem marcante, transmissão de valores como amizade e família.

Meu pé de laranja lima é considerado um clássico nesta pesquisa, porque tem sido lido por várias gerações. Ganha o valor simbólico de elementos externos ao texto, ligados a sentimentos e

²⁸ Embora Jayme Cortez seja o ilustrador, nas outras edições esta capa traz ilustração de Rui Oliveira.

valores defendidos por uma sociedade. E também ganha força de atualidade pelos projetos editoriais que se renovam pela ação de sua editora (Melhoramentos).

As instâncias - escola, universidade, família, mídia, editora - legislam, orientam, consolidam gostos culturais, criam expectativas, padronizam apreciações estéticas, põem em circulação algumas obras e autores. Mas, os leitores, em diferentes comunidades, expressam seus gostos, produzem sentidos, avaliam autores e obras.

Há diferentes modos de o público leitor aceitar e apreciar as obras de Jorge Amado e de José Mauro de Vasconcelos, o que significa que os critérios para eleger determinados autores e obras são diversamente construídos no tempo, em diferentes comunidades.

Menos lidos, mas também presentes - os autores contemporâneos

No *corpus* desta pesquisa, podem ser identificados como contemporâneos, entre os mais conhecidos na história da literatura infantil e juvenil (ZILBERMAN, 1998; LAJOLO, 2001) os autores: Ricardo Azevedo, Ferreira Gullar, Fernando Sabino,²⁹ Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e Ziraldo.

Ao se olhar para a produção destes autores contemporâneos (com exceção de Fernando Sabino), destaca-se o esforço das editoras no modo de apresentá-los, assim como suas desconhecidas obras, a um público leitor português, esforço este que se apresenta em três direções. Uma dessas estratégias está ainda ligada à ação dinâmica da editora Melhoramentos, na década de 1990, como já dissemos anteriormente neste texto. Esta estratégia centra-se na apresentação de obras de um mesmo autor, em uma mesma coleção, como é o caso já comentado de José Mauro de Vasconcelos e de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, e agora também das Coleções ABZ, Corpim e Mundo Colorido, de Ziraldo. Do conjunto dos **59** títulos que constituem o *corpus* desta pesquisa, **25** são obras publicadas pela Melhoramentos, no Brasil e em Portugal.

Uma outra direção está ligada à estratégia de apresentação das obras em coleções “internacionais”, ou melhor, trata-se de uma ou de algumas obras de um autor brasileiro, juntamente com autores de outras nacionalidades, como a produção de Ferreira Gullar, Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado. São coleções arquitetadas por editoras não brasileiras, ou impressas em Portugal, a serem lançadas no mercado de modo diverso do que se viu até então.

O sofá estampado, de Lygia Bojunga Nunes, por exemplo, faz parte da Coleção “Grande Prêmio”, que segundo o texto da última página do livro é “uma coleção de livros premiados, na sua

²⁹ Os três primeiros nomes já foram destacados no grupo formado por aqueles que se apresentaram na coleta de dados, como autores com uma única obra.

maioria de autores portugueses. Obras selecionadas por júris competentes, destinadas a acompanhar-te por toda a vida, porque são escolhidas entre as melhores”. Também a *Bolsa amarela* está dentro da Coleção “Edinter Jovem”, junto com outros autores.

As obras de Ana Maria Machado estão enquadradas na Coleção “Montanha Encantada”, que agrega 90 títulos distribuídos por autores de várias nacionalidades e com uma significativa aceitação no mercado, como constatado pelo movimento em torno desta Coleção nas livrarias, e pela retirada de empréstimos para leitura na Biblioteca Pública Municipal de Faro.

Flicts, de Ziraldo, é uma obra que foi publicada pela Melhoramentos em Portugal e que traz a informação de que faz parte da “Série Mundo Colorido”, “que reúne belíssimos contos ilustrados pelos mais importantes artistas gráficos de todo o mundo: histórias onde o real, o mágico e o fantástico – que existem em todas as crianças – são apresentadas na linguagem mais simples, mas extremamente cuidada”.

Nessa perspectiva, obras ou autores brasileiros são apresentados como “grandes e importantes” ao lado de outros “grandes e importantes” do mundo inteiro.

Essa produção de autores contemporâneos vem marcada por uma outra terceira característica: a decisão editorial em adaptar as obras brasileiras aos gostos portugueses.

A preocupação daqueles que lidam com a produção, divulgação e recepção de livros destinados a crianças portuguesas em relação à modalidade brasileira da língua portuguesa é uma constatação desta pesquisa.

Tal preocupação se traduz de várias formas, desde a censura de obras brasileiras no mercado português destinado ao jovem leitor, até justificativas para sua aceitação, ou ressalva da editora que informa: *Por decisão editorial é mantida na edição portuguesa, a grafia original utilizada no Brasil*, como é o caso de *Um gato chamado Gatinho*, de Ferreira Gullar.

Paula Amaro (directora da Dinapress/Dinalivro) fala em entrevista que, *quando se trata de obras infantis, os pais e professores não gostam de que as crianças iniciantes na aprendizagem da língua portuguesa escrita tenham contato com livros de brasileiros e por isso a distribuidora fez uma tentativa de um novo projeto editorial com as obras de Ziraldo*.

De fato, foram localizados exemplares de obras de Ziraldo, da Coleção “ABZ”, em dois projetos editoriais distintos. Um deles é o mesmo que circula no mercado editorial brasileiro, o outro projeto é o que traz o nome do autor junto ao do que fez a adaptação da língua escrita para a modalidade portuguesa (Anexo 2).

A obra *A história do A* é um exemplo dessa preocupação com o contato das crianças com a modalidade brasileira da escrita da língua portuguesa na leitura das obras brasileiras. Na quarta capa, pode ser lido o fragmento extraído de uma entrevista de António Torrado com o próprio

Ziraldó, num esforço de justificar esta relação complexa entre os dois países que falam uma mesma língua, ou um “*cisma*” entre Portugal e Brasil que se arrasta há mais de um século e que prejudica a difusão da língua portuguesa, segundo as palavras do linguista português Malaca Casteleiro, por ocasião do VI Congresso da Lusofonia, em Bragança, em outubro de 2007. Para Torrado, o respeito pela modalidade brasileira deve existir não só porque isto se faz em diferentes nações que adotam a mesma língua, mas também como um respeito pela singularidade da expressão oral traduzida na produção escrita de cada povo.

[...] Nós estamos habituados aqui a uma determinada respiração da frase. No Brasil, a maneira de entoar, de exprimir e de congelar isso nas folhas de um livro é muito diferente. Nós temos que aprender várias músicas. O inglês falado na Austrália tem uma sonoridade e ritmos diferentes do falado nos Estados Unidos ou na Inglaterra. O sentido do cosmopolitismo de uma língua é fundamental. A criança portuguesa só alcança vantagem em saber que há várias nuances, várias tonalidades do português, até porque o que marca um escritor é a sua forma peculiar de dar esse tom. Nós sabemos que o tom de Aquilino Ribeiro para crianças é diferente do tom de outro escritor, de uma Sophia de Mello Breyner, por exemplo. Sabemos também que a palavra escrita é apenas um recurso, é apenas uma aproximação. A voz está por detrás. Nós transmitimos à escrita a nossa própria voz, e seria uma traição à voz do Brasil e à sua maneira de respirar se nos limitássemos a fazer uma tradução literal, lexical, rigidificando a língua. (JORNAL DAS LETRAS, de 20.nov.1990)

Torrado chama atenção para as relações entre a oralidade e a escrita, diversas entre falantes de uma mesma língua, tanto no interior de um mesmo país, quanto entre países diferentes. Ele destaca que a língua escrita é apenas uma “aproximação” da oralidade, porque esta também apresenta nuances, como uma composição musical. Para este que também é autor de literatura:

O que está correcto, sim, é a alteração ortográfica. [...] Mas sem perder a sonoridade da língua, neste caso da língua do Brasil, e vice-versa. Para isso eu acredito que haja possibilidade de geminação. Geminação como há de cidades? Poderá haver, vamos lá, almas gêmeas, de cada um dos lados do Atlântico, e que haja esse sentido de quase solidariedade para o espaço de leitores se multiplicar. (*op.cit*)

Sob uma perspectiva sociolinguística, há trechos na entrevista que justificam e defendem a formação (educativa) dos jovens leitores portugueses, no sentido de que não só a língua não é fixa, imutável, enrijecida, como também de que a expressão escrita (principalmente a literária) é tão diversa quanto forem singulares os modos orais de se expressar, reforçando ainda que o sentido de irmandade, de solidariedade, pode ser construído pelo elo cosmopolita de uma única língua que também se quer cosmopolita.

Mas tal defesa linguística e humanista não dispensa uma ressalva - *O que está correcto, sim, é a alteração ortográfica* - porque quando se trata de uma produção voltada para uma criança em fase de aquisição da língua escrita de seu país, os modos de aprendizagem e de ensino da língua são praticamente inabaláveis no campo da educação.

Tal preocupação expressa por Torrado não é uma fala nova e nem tampouco isolada, quando se trata da produção brasileira voltada para crianças portuguesas. Muitas vezes ela toma o caráter de censura, de exclusão de determinada produção de um país, em um outro.

Em um dos pareceres emitidos pela Comissão de Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian³⁰ sobre a obra *O Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato, (05/dez./1985), Natércia Rocha escreve o seguinte texto:

Reencontrar Monteiro Lobato pode ser um encantamento para o adulto; analisar qualquer volume da sua obra, tendo em vista uma possível presença nas Bibliotecas da F.C. Gulbenkian pode ser um suplício. A obra é muito boa, o texto uma delícia, as situações um deslumbramento. Mas tudo está escrito fora das normas portuguesas de ortografia e de sintaxe. Pode dizer-se que as crianças de hoje fazem largo consumo do material impresso no Brasil, além das produções para televisão. Tanto bastará para que assumamos a responsabilidade de irmos ao seu encontro com textos que, pela sua apresentação, provoquem a confusão na aprendizagem recém – iniciada da escrita da leitura e leitura da língua materna? E no caso presente, a recente passagem da espectacular série de televisão, canalizará mais leitores para estes livros.

O texto do parecer de Natércia Rocha, que como leitora adulta de Lobato se desdobra em elogios, vem marcado pelo tom educativo, formador, quando se trata da aprendizagem da modalidade escrita de uma língua por uma criança. É a figura do adulto como aquele que está entre a obra e o leitor mediando com zelo e proteção um contato (leitura) que pode ser prejudicial quando se trata de uma criança. E ela acrescenta neste parecer:

Por muito que me custe fazê-lo e até com amargura compreensível em que, como eu muito aprecie a obra de Monteiro Lobato, não poderei considerar esta obra, nesta edição, senão como “não-aceitável” por razões de ordem pedagógica, dadas as constantes infracções às normas de ortografia e sintaxe seguidas em Portugal e ensinadas às crianças; e a essas crianças nós queremos ajudar e alegrar sem lhes complicar a vida escolar. Faço-o com tristeza, mas não encontro outra solução.

Tal censura às obras brasileiras para crianças parece ser atenuada ao longo do tempo, pois enquanto Lobato (impresso) é praticamente impedido de circular em terras portuguesas, Lygia Bojunga Nunes tem permissão em versão portuguesa; Ziraldo transita com ressalva (a ortográfica); Ferreira Gullar é lido na modalidade brasileira. Portanto, assiste-se a uma lenta e gradual entrada das obras brasileiras neste mercado consumidor. Nessa direção, essa produção sofre mudanças

³⁰ Foram localizados 5 pareceres sobre obras infantis de Lobato: *Aritmética da Emília*, em 5/fev./1985; *O Minotauro*, em 5/fev./1985; *O Picapau Amarelo*, em 5/fev./85, assinados por Natércia Rocha e considerados “não-aceitáveis”, seguindo argumentos parecidos dos explicitados em *Picapau Amarelo*. Dois outros pareceres são sobre *Robin Hood*, um escrito por Maria João Vasconcelos, em 30/jan./1967 e outro por Patrícia Joyce, em 8/maio/1967, considerados “recomendáveis”, com a ressalva de que se trata de um livro do famoso Robin Hood, mas que exige na edição portuguesa *uma cuidadosa revisão à linguagem*. Nenhum desses livros traz dados sobre uma possível aquisição, o que explica a ausência no *corpus* da pesquisa, de qualquer obra de Lobato, nos espaços visitados. Também não foi encontrada referência a Lobato ou a suas obras infantis em nenhum documento oficial como sugestão de leitura.

orientadas pela contribuição dos estudos ligados: ao conceito de língua, tanto histórica como social; às concepções sobre ensino e aprendizagem na relação da criança com seu objeto de conhecimento; às noções de autoria e linguagem literária, segundo expressões singulares; às decisões editoriais que podem baratear o custo da edição e colocá-la em circulação em diferentes países.

Mas parece também que são modos editoriais diversos para lidar com esta questão, até mesmo em um mesmo tempo histórico. As obras de Ana Maria Machado, da Coleção “Montanha Encantada”, omitem na ficha técnica a estratégia adotada, se uma adaptação ou adoção da modalidade brasileira. No entanto, na obra *O mistério da ilha*, também publicada pela Editora Everest, é lida a seguinte referência: “Neste livro da escritora brasileira Ana Maria Machado (<<http://www.anamariamachado.com/>>) há alguns termos do português do Brasil, em relação aos quais a Editora optou por incluir em itálico, e imediatamente a seguir à palavra do texto original, o termo correspondente em português de Portugal³¹”.

Tal censura, limitação, exigência de adaptação para que a produção brasileira circule em Portugal, precisa ainda de melhor investigação, confrontando outras fontes, pesquisando documentos. Como explicar que as obras de José Mauro de Vasconcelos e Jorge Amado possam circular no registro brasileiro? Licença para esses autores, e não para outros? São obras para autores menos infantis? Mas por que a obra *A nave @ de Noé*, de Ramos Amado, foi adaptada, se ela é destinada a jovens? Como explicar o sucesso de venda, até hoje, de *Meu pé de laranja lima* na ortografia e sintaxe “brasileiras”? Para essa obra vale mais a mensagem do que o código? Como justificar a indicação oficial de *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, se nas edições há a seguinte referência: Nota do editor: a título excepcional, manteve-se na edição portuguesa a ortografia brasileira. Tal obra é indicada para leitores do 8º e 9º anos de escolaridade; seria este o momento em que se possa aprender sobre as modalidades distintas da língua portuguesa? Como entender a grande quantidade de livros infantis traduzidos e adaptados de autores e obras consideradas clássicas, como por exemplo, edições de “O Capuchinho Vermelho” (1988), em circulação, em Faro, nem sempre com uma linguagem esmerada e cuidada?

A Profª Olga Fonseca chama a atenção para esta questão na entrevista dada para esta pesquisa. Segundo ela: *As histórias da Disney estão em Portugal, pela editora Abril do Brasil. Foram e são muito lidas, o Tio Patinhas, o Zeca Carioca. Quando criança, eu li muito, embora não fossem leituras estimuladas pela família ou pela escola.*

³¹ Para ilustrar um dos trechos retirados da obra: “Mas Chico estava no cais. Com um bando de amigos. Preparando-se para soltar pipa (*papagaio de papel*). Pipa que ele mesmo tinha feito, Chico era danado de jeitoso. Fazia cada coisa linda – pipa, balão, espingardinha de cabo de guarda-chuva, atiradeira (*figa*)._Consertava tudo. Dava jeito em tudo. Fazia milagres com seu inseparável canivete. Era um bamba na bola de gude (*berlinde*). Um craque no futebol. E ainda soltava pião como ninguém.” (p.10).

De qualquer maneira, a permissão para entrada e circulação de obras brasileiras em território português não depende apenas da qualidade literária reconhecida pelas instâncias legitimadoras de tal produção. Trata-se da força e influência também de certas editoras dentro do mercado que, de acordo com o segmento consumidor que pretenda conquistar ou conservar, lança mão de estratégias no polo da produção e divulgação de ações efetivas nos órgãos públicos e discute uma política conjunta com outros países, no esforço de garantir e ampliar sua penetração junto ao público leitor.

E é esse esforço que países lusófonos vêm promovendo e discutindo como política, para que as produções editoriais de países de Língua Portuguesa possam circular com mais amplitude, colocando em ação metodologias que organizem o fluxo de acesso dos livros, com medidas que colaborem para o barateamento do custo do livro, como: redução de tarifas alfandegárias de comércio internacional, com a promoção de mais feiras e eventos internacionais; criação de um coeficiente de preço médio padrão para equalizar os preços em todos os países; favorecimento de um intercâmbio de artes-finais entre os membros para a produção da obra fora dos países de origem, com produção de co-autorias e co-edições.

Ziraldos entre elogios e críticas

Ziraldos Alves Pinto foi encontrado na Biblioteca Municipal, na Escola Básica 1º ano “São Luiz” e na Escola Básica “do Carmo”, de Faro, com três coleções: “ABZ”, “Corpim” e “Mundo Colorido”.³²

Embora Ziraldos esteja disponível nessas bibliotecas, ele não tem nenhuma obra à venda nas livrarias ou alfarrábio. Alguns títulos da “Coleção do ABZ” foram encontrados em mais de um lugar, e as informações dadas pelos bibliotecários indicavam que, principalmente esses livros, foram retirados para serem lidos.³³

Das obras encontradas, algumas delas estão junto com outras como sugestões de leitura no “Catálogo de Documentação Escolar do Ensino Básico - 1º ciclo” (1998), classificados como “Poesia” - *Meu amigo canguru, A história do E, A história do I que engoliu o pinguinho, O segredo do U, A história do A, Flicts, Planeta Lilás* - e como “Narrativas”, *Rolim*. Essas indicações

³² Da Coleção “ABZ”: *Meu amigo canguru, A história do H, A história do E, A história do I que engoliu o pinguinho, O segredo do U, A história do A*; da Coleção “Corpinho”: *O Joelho Juvenal, Os dez amigos*, e da Coleção “Mundo Colorido”, apenas *Flicts*.

³³ A biblioteca da EB1 – Escola São Luiz - está em reforma e a maior parte dos livros, encaixotados. A consulta sobre o acervo foi feita pelo computador e não havia registro dos empréstimos. A coordenadora da biblioteca, no entanto, deu a seguinte informação: *os livros de Ziraldos saem semanalmente, umas seis vezes*. O responsável pela biblioteca da EB1, Escola do Carmo - informou que quando os livros foram colocados mais à vista, em uma caixa, eles tiveram saídas. Na BMF, as obras *Joelho Juvenal* e *Flicts* têm apenas registrado 1 empréstimo e *Dez Amigos, 2*, referentes ao ano de 2007.

parecem justificar a presença desta produção nas bibliotecas escolares, embora das três últimas não tenha sido localizado nenhum exemplar. Por outro lado, os cinco títulos que estão nas bibliotecas escolares sugerem uma aproximação com temas prestigiados pela escola: a aprendizagem das letras e o valor da amizade.

Ziraldo é um autor que não aparece nos livros didáticos e nem em listagem atual, com sugestões de obras para leitura a alunos do 1º ciclo. Para este nível de ensino (1º ciclo – 1 a 4 anos de escolaridade), as atuais orientações e sugestões de obras para leitura que emanam dos programas oficiais são quase predominantemente baseadas nos autores portugueses e nos considerados clássicos da literatura universal. Talvez uma preocupação com a formação do leitor iniciante venha marcada pela valorização do conhecimento e domínio do patrimônio cultural, ao mesmo tempo nacional e universal. No caso, as obras brasileiras não podem ser consideradas “clássicas”, como uma “Alice no país das Maravilhas”, de Lewis Carroll, nem modelares para um ensino da língua portuguesa ou para o conhecimento de temas nacionais.

Salomé Horta, na entrevista, aponta que:

A Literatura Infantil, em Portugal, até quinze anos atrás, praticamente não havia, não era valorizada, não havia mercado potencial e nem interesse pelas editoras; o mercado era restrito e havia pouca oferta. . Só livros de histórias curtas, com ensinamentos para crianças e livros didáticos. A primeira autora, Ana Maria Magalhães, escreveu uma primeira coleção de literatura, criando personagens portuguesas, em aventuras e lugares de Portugal: Lisboa, Algarve, etc. Durante muito tempo, pioneira a trabalhar isolada. Depois vieram outros, como também ilustradores; e a partir de então, o mercado editorial começa a investir no público infantil e por isso, a edição portuguesa ganha força, peso na constituição do acervo.

De fato, em uma rápida leitura dos títulos e nomes de autores e das editoras no acervo da Biblioteca Municipal de Faro destinados ao segmento infantil de 6 a 9 anos, constata-se nas prateleiras uma maior quantidade de estrangeiros, especialmente traduzidos do Reino Unido, mas também da França, Itália, etc. São livros de capas duras, atrativas pelo colorido e pela qualidade do material impresso, de tamanhos regulares, com letras grandes e muitas ilustrações, em que personagens como coelho, ratinho, vivem aventuras em diferentes histórias de uma mesma coleção. Trata-se de uma produção estrangeira, em grande quantidade de títulos, edições e exemplares, que inclui as adaptações dos clássicos que fazem parte daquilo que se reconhece como cultura universal - Irmãos Grimm, Andersen, Perrault, Swift, Cervantes, Carroll.

Nesse setor, percebe-se a presença de grandes editoras internacionais, praticamente também monopólios, que criam nichos editoriais ligados a desenhos animados da TV, ou a filmes da Disney, por exemplo. Uma produção que modela gostos e padroniza modos de recepção.

Também voltada para o leitor infantil, espalhadas por outras prateleiras, distintas das que abrigam os internacionais, está a produção identificada como “autores portugueses”.³⁴

Os livros brasileiros localizados - *A história do A*, *O Joelho Juvenal*, *Os dez amigos*, *Flicts* - na Biblioteca Municipal de Faro - estão no acervo dos autores estrangeiros a buscar seu espaço entre um livro que não é português, mas também não é um clássico, que deve ser traduzido em sua própria língua. Os exemplares encontrados trazem o carimbo da Fundação Calouste Gulbenkian. De fato, em consulta aos pareceres da Fundação, algumas obras foram avaliadas pela “Comissão de Leitura”³⁵ e posteriormente uma parte delas (recomendáveis) foi adquirida conforme indicação da “Comissão de Aquisição” registrada no final dos documentos : 320 exemplares de *A história do A*; 225 exemplares de *Flicts*; 225 exemplares de *O Joelho Juvenal*.

Os livros encontrados na Biblioteca Municipal de Faro são títulos diferentes daqueles que estão nas bibliotecas escolares, o que parece indicar que os critérios para aceitação da produção de Ziraldo por parte da escola e da Calouste Gulbenkian podem ser diversos, com exceção de *A história do A*.

A história do A é a única obra que se repete pelos lugares visitados. Para a escola, a obra parece atender ao gosto moldado por essa instituição - aprendizagem lúdica das letras do alfabeto. Para a Fundação Gulbenkian, atende ao gosto eivado de uma apreciação crítica sobre a qualidade da obra. O mesmo Trigueiros (1992), redige um parecer elogioso, destacando a temática, a história bem contada, os versos bonitos, com ritmo e imaginação, o cuidado com a modalidade da língua escrita: *Ao contrário de outras histórias infantis que temos apreciado desta coleção ABZ, transportar para o “português de Portugal”, neste não há brasileirismos nem transigências sintéticas discutíveis.*

A história do i que engoliu o pinguinho está ausente na Biblioteca Municipal de Faro, portanto, provavelmente não pertenceu aos acervos das bibliotecas itinerantes e fixas da Fundação, mas foi adquirida para as bibliotecas escolares. Trigueiros (1991) é responsável pelo parecer e coloca:

[...] pode-se perguntar: a) se o livro, como é evidente, destina-se a um público infantil alfabetizado, mesmo se minimamente, não serão a idéia e o texto demasiado infantis (grifo do autor) para esse leitor? E desde que ele não saiba ler caberá “graça” ao assunto? e

³⁴ Segundo informações dadas por Horta, o acervo da BMF conta com: **875** obras de autores portugueses e **1.367** de estrangeiros para leitores infantis; **975** obras portuguesas e **1.169** estrangeiras para leitores juvenis. Deste total, **29** são obras infantis brasileiras e **30** juvenis brasileiras.

³⁵ Foram localizados os pareceres das seguintes obras : *Flicts em 19/jan./1990 e O Joelho Juvenal em 19/jan./93* , ambos de Mario Braga; *O menino quadrado*, de António C. Vianna, em 07/05/94; *A história do A em 22/set./92 e A leste do E em 18/fev./92*, de Luís F. Trigueiros, todos considerados “Recomendáveis”, com exceção do último, como “Aceitável”. As obras *Pelegrino e Petrônio*, de Urbano T. Rodrigues, em 25/maio/93 ; *Rolim* de 18/dez./90 e *A história do I que engoliu o pontinho* de Luís F. Trigueiros, foram consideradas: “não aceitável” e de valor: “mau”, “pouco” e “discutível” , respectivamente.

finaliza: Seja como for e até pela inserção do pitoresco mostruário do calão juvenil - e não só - brasileiro, é por essas razões que, pese embora aos meus sentimentos pessoais em relação ao Brasil, tenho de considerar a obra não-aceitável (grifo do autor).

De qualquer maneira, há mais referência sobre a produção de Ziraldo do que pôde realmente ser encontrado. *A leste do E*, por exemplo, recebe elogios e recomendação da Fundação Gulbenkian, tem registro de sua aquisição pela Fundação, no entanto não foi encontrado na BMF. *Planeta lilás* consta como leitura recomendável nos documentos oficiais destinados às escolas, mas não foi encontrado nenhum exemplar nos lugares visitados.

Nesse caso, uma interpretação para a presença das obras de Ziraldo, em Faro, possa ser dada pelo empenho da própria Editora Melhoramentos e da sua distribuidora Dinapress/Dinalivro na divulgação desta produção em Portugal. O próprio Luís F. Trigueiros, ao escrever o parecer sobre uma das obras de Ziraldo, em 1991, faz referência à presença (incômoda) de editoras brasileiras a investir em Portugal:

Talvez, o examinar quando mais não fosse para orientação editorial, agora que a respectiva indústria do Brasil parece estar a instalar-se em Portugal publicando aqui, e o público é induzido a considerar que se trata de livro português, sobretudo quando não é, obras de criação literárias de nomes já aqui divulgados.

Se havia o temor explícito de que os leitores portugueses fossem enganados por editoras brasileiras, a Melhoramentos parece ter se preocupado em resolver tal dificuldade. Em entrevista à Leila Balistrieri, na Melhoramentos, ela relata que:

Exportar livros brasileiros é um negócio muito caro e nem sempre os livros impressos no Brasil vendem fora do país para recuperar os gastos. Por isso a parceria com a Dinapress é importante. Ela compra tiragens fechadas. O diretor da Distribuidora seleciona dentre as Coleções, por exemplo, quais obras de Ziraldo, pretende comercializar. A própria Dinapress convida um “tradutor” para fazer a adaptação na modalidade da língua de Portugal.

A Melhoramentos não é só uma iniciativa pioneira na busca do mercado português, ela consolida uma parceria com a Dinapress de mais de 20 anos, acertando estratégias editoriais, buscando formas de se manter nesse mercado.

Uma dessas estratégias editoriais que promovem o livro e o autor é lançar mão de um outro já conhecido e reconhecido pelo público leitor, como foi feito com as edições de “ABZ” que vêm acompanhadas da apresentação de António Torrado. Um outro caso, que ilustra essa estratégia, é o de *Flicts*. Na quarta capa pode-se encontrar um texto assinado por Carlos Drummond de Andrade, apresentando a obra de maneira elogiosa e destacando suas qualidades, recurso editorial que não escapa ao parecerista da Fundação Gulbenkian: “Aliás, o volume - organizado sob a égide do Carlos Drummond de Andrade - inclui diversos poemas que “brincam” [...]” Mário Braga (1990).

Ziraldo, embora apreciado pela Fundação, presente nas bibliotecas, estrategicamente colocado pela editora e distribuidora no mercado português, parece não ter construído ainda uma aceitação plena pela crítica especializada e por um conjunto significativo de leitores. As edições encontradas são da década de 1990, tanto as que estão nas bibliotecas, como as que podem ser adquiridas *on-line*, o que parece revelar pouca circulação e procura por essas obras.

Pelos caminhos da premiação: Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado

Lygia Bojunga Nunes³⁶ e Ana Maria Machado são publicadas por editoras portuguesas e cada título de suas obras se insere em uma coleção, junto com outros autores estrangeiros.

Em seus livros, nas capas, nos espaços destinados à biografia da autora, no marcador de livro que acompanha o exemplar, lê-se com destaque a referência à premiação concedida pela International Board ou Books for Young People, do prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura infantil e juvenil. Lygia Bojunga Nunes é lembrada como a primeira escritora da língua portuguesa a receber tal prêmio (1982) e Ana Maria Machado como vencedora da edição 2000.

Nesses textos há referência à literariedade das obras, mas, principalmente, apresentam as autoras, que desconhecidas do público português não são exaltadas pela sua brasilidade ou pelas relações de irmandade entre os dois países. O destaque é dado à referida premiação, ao reconhecimento que elas já alcançaram em outros países, ao volume de sua produção legitimada por instituições da área.

O texto que se encontra na quarta capa de *Corda bamba*, por exemplo, cita que Lygia Bojunga Nunes tem *seus livros traduzidos para o alemão, francês, inglês, espanhol, irlandês, finlandês, dinamarquês, sueco, norueguês, holandês, checo e catalão*. *Corda bamba* foi filmado na Suécia e tendo recebido no Brasil a *láurea “Altamente recomendável pra jovem”*, enquanto Ana Maria Machado *é autora de mais de 150 livros para crianças*, conforme informação dada em todos os seus livros que fazem parte da Coleção “Montanha Encantada”.

A ênfase na projeção internacional alcançada por essas autoras é um recurso editorial semelhante ao da aceitação das obras de José Mauro de Vasconcelos e de Jorge Amado. Como cercear a entrada de tais autores já traduzidos em tantas línguas, com obras que se transformaram em filme e peça de teatro, reconhecidos pela crítica internacional?

³⁶ Optamos por nomear a autora aceitando também o Nunes, considerando que nos exemplares encontrados é assim que seu nome está registrado.

Mas se tais referências colaboram para que as obras de Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes se tornem produtos de valor para as editoras não brasileiras terem interesse em sua publicação em Portugal, elas (as referências) não são suficientes para que as autoras sejam representadas nos manuais didáticos. Em consulta a esse material, não foi encontrado nenhum fragmento de suas obras, o que parece revelar um descompasso de tempo na seleção dos autores que deveriam compor um manual didático. Foi possível identificar uma quase ausência de autores contemporâneos e a presença quase redundante dos mesmos autores considerados praticamente de uma mesma geração (Cecília Meireles, Carlos Drummond, Vinicius de Moraes, Thiago de Melo, Érico Veríssimo, etc)³⁷. Por outro lado, a ausência de Nunes e Machado pode revelar novamente a preocupação - cuidado e zelo - dos autores desses manuais que, exclusivamente orientados por finalidade didática, preocupam-se com as crianças que vão entrar em contato com a língua portuguesa, na modalidade brasileira, justamente em fase inicial de aprendizagem da língua.

O parecer sobre *O sofá estampado* emitido por António C. Viana, em 1992, indica como a aceitação de um autor brasileiro, pelos caminhos oficiais, é sempre complicada para a intelectualidade portuguesa. Segundo esse parecerista, embora a obra seja premiada e traga a defesa de “nobres propósitos ecológicos”, ela ainda é uma ameaça à soberania da língua portuguesa de Portugal:

Natércia Rocha parece ter-se encarregado da fixação do texto para a edição portuguesa, mas a autora exigiu que lhe respeitasse a oralidade brasileira. E aqui é que a porca torce o rabo: será legítimo recomendar este livro, com os seus acentuados brasileirismos (aliás, todos os dias divulgados, em telenovelas, por todos os nossos canais da Tv), para as crianças e jovens portugueses? Na minha opinião, não. Por isso, e considerando as suas qualidades literárias e propósitos saudáveis, o considero apenas como aceitável.

O estilo coloquial e a linguagem na modalidade brasileira assumida por Lygia Bojunga Nunes, entre outras qualidades, marcam a sua singularidade na produção voltada para crianças, qualidades estas que foram reconhecidas pela crítica especializada internacionalmente, sendo, no entanto, os principais entraves para sua circulação em Portugal.

Mas mesmo com as ressalvas apontadas nos pareceres emitidos pela Fundação Calouste Gulbenkian (VIANA, 1992) a respeito da presença do registro brasileiro em suas obras, ela foi adquirida em quantidade maior, por exemplo, que as obras de Ziraldo, e compuseram o acervo das bibliotecas da Fundação espalhadas por todo o território nacional. *O sofá estampado* teve 325 exemplares adquiridos, enquanto *Corda bamba*, em 20/12/1988, e *A bolsa amarela*, em 19/09/1989,

³⁷ Do total de 142 fragmentos de obras, apenas 11 são de autores contemporâneos (Ruth Rocha - 2; Chico Buarque - 2; Fernando Sabino - 2; Rubem Braga - 2; Pedro Bandeira - 1; Roseana Murray - 1; Teresa Noronha - 1).

com pareceres assinados por Natércia Rocha e avaliadas com “muito bom” e “muito recomendável”, têm autorização para aquisição de 450 exemplares, cada. Rocha destaca:

Só agora a obra de Lygia Bojunga Nunes começa a ser conhecida em Portugal, depois de os seus livros estarem traduzidos em toda a Europa. Foi essa escritora que trouxe para a língua portuguesa o prêmio Hans Christian Andersen, há seis anos. Vencidos os obstáculos da ortografia e de algum vocabulário, o texto aparece aqui com a riqueza e a musicalidade do português do Brasil, da oralidade popular, do vocabulário colorido de uma língua em evolução [...] (A bolsa amarela).

Natércia Rocha, que também é especialista em literatura infantil, ao se referir à produção brasileira no último capítulo de seu livro *Breve história da literatura para crianças em Portugal* (1992), aponta:

À guisa de balanço, coloca que: Neste rápido historial não cabem referências a escritores dos países de língua oficial portuguesa e são muitos. [...]. Do Brasil, para além de larga e valiosa produção editorial – pouco conhecida e divulgada em Portugal – chegou, no ano de 1982, o primeiro prêmio de Hans Christian Andersen para um escritor de Língua Portuguesa: nesse ano, foi distinguida a obra de Lygia Bojunga Nunes. Nos seus livros, usando um português exuberante, dinâmico e pictórico que se fala no Brasil, a autora penetra fundo nas angústias e anseios do “crescer” dos leitores para ler o mundo a partir de um passado pequeno e confuso. O estilo de Lygia Bojunga Nunes traz a poesia coloquial e a alegria do que cresce e se agita. Problemas ainda não resolvidos – ortografia e outros – deixam desconhecida esta excelente escritora brasileira, tal como Monteiro Lobato, cuja obra só chegou às nossas crianças pela série na televisão. (p.123)

A presença dessa autora em Portugal não é ao acaso ou sem planejamento. Ela está revestida de intenção de uma importante escritora e especialista em literatura infantil, Natércia Rocha, que circula por instituições oficiais portuguesas, por eventos e feiras internacionais que promovem o livro. A indicação de Lygia Bojunga Nunes, em Portugal, vem respaldada pela visão estética de quem a promove, pela visão crítica das instituições que a legitimam, como por exemplo, as que Rocha representa.

No entanto, a presença das obras de Lygia Bojunga Nunes é singular em Portugal. Elas estão presentes em todas as bibliotecas, mas totalmente ausentes nas livrarias, podendo ser encontradas na compra on-line nas mesmas edições (1988;1989;1992) que circulam em Faro. Sem registro de empréstimo para leitura e sem reedições, é uma autora que recebeu da crítica especializada uma significativa deferência nos pareceres, o que no entanto não se reverteu em apreciação pelo público leitor.

Nessa direção, embora a Fundação - como divulgadora de autores e de obras brasileiras em território português - tenha apreciado suas obras, comprado e as colocado à disposição; embora ela também tenha ganhado destaque no meio intelectual (pareceristas são escritores ou especialistas em

literatura), a autora não é citada, como já dissemos, em nenhum livro didático, como também em nenhum documento oficial em vigor.

Apenas o “Catálogo de Documentação Escolar do Ensino Básico (2º, 3º ciclos), 1998 e o “Materiais de Apoio aos Novos Programas, Língua Portuguesa” (1992) trazem as obras de Lygia Bojunga Nunes, o que não foi suficiente para promover uma demanda e torná-la mais conhecida.

A ausência de indicação de Ana Maria Machado pelos caminhos oficiais é igualmente sentida. Uma única obra, *O pavão do abre e fecha*, está indicada para a faixa de 6 a 8 anos, no “Serviço de Apoio à Leitura” - instituído em 2004 pelo Instituto do Livro e das Bibliotecas - em colaboração com o Gabinete da Rede de Bibliotecas Públicas.

No entanto, Ana Maria Machado, ainda que com menor projeção na crítica especializada³⁸ do que Lygia Bojunga Nunes, conquistou leitores, conforme registro da Biblioteca Municipal de Faro, além de ser facilmente encontrada nas livrarias da cidade. Tal circulação parece estar ligada às estratégias da editora Everest, que a colocou em uma das coleções de maior venda em Portugal, a “Montanha encantada”.

Conhecer os critérios para que tal autor ou tal obra sejam escolhidos para serem publicados em Portugal é se surpreender com os próprios critérios críticos desta escolha; é enveredar por estratégias editoriais de divulgação desses autores e de suas obras pela conquista de um mercado fora de seu país; é indagar pelos modos como determinados grupos intelectualizados avaliam essa produção, e ainda pelos modos como os leitores a expressam. Tarefa complexa e desafiadora.

Os não encontrados, mas também lembrados

É provável que mais livros circulem em Portugal, mas que não tenham sido localizados em Faro. Estive centrada em uma cidade específica, em uma situação geográfica particular - sul de Portugal, o que pode apenas servir como amostra da acolhida desta produção, que pode ser maior do que esta que se configurou aqui. É verdade que uma cobertura total a respeito da presença desta produção jamais poderia ser alcançada. Sempre haverá um livro perdido em uma estante de biblioteca ou na prateleira da estante de uma residência.

Mas a pesquisa de campo revela que diferentes instituições promoveram, divulgaram, colocaram em circulação mais obras e autores do que o universo encontrado, concretizado em exemplares possíveis de serem manuseados. A Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo, avaliou muitos livros (portanto circularam e foram lidos em Portugal, mesmo que pelo grupo

³⁸ Apenas um parecer foi localizado sobre Ana Maria Machado. Trata-se de *O elfo e a sereia*, da Coleção “Conte outra vez”, considerado por Vianna (1991) como “aceitável” e de valor “medíocre”, não trazendo autorizada a aquisição.

restrito - o dos pareceristas), autorizou a aquisição de um outro tanto deles, enviou uma quantidade para compor suas bibliotecas fixas e itinerantes para diferentes regiões de Portugal.

Algumas dessas obras foram encontradas, como já dissemos, na Biblioteca Municipal de Faro, que recebeu todo o acervo de livros que fazia parte da Fundação. Mas, provavelmente, livros se perderam por algum caminho, como é o caso, por exemplo, do infantil bilíngue, *Mon éléphant: O elefante*, de Carlos Drummond de Andrade, do qual se tem o registro da autorização para aquisição de 260 exemplares, ou de *O urso com música na barriga e outras histórias* (450 exemplares) e *As aventuras do avião vermelho e outras histórias* (330 exemplares), ambas de Érico Veríssimo, dos quais não encontrei nenhum exemplar nos lugares visitados.

Segundo Idália Palma Affonso Conceição, *quando as bibliotecas itinerantes acabaram, os acervos foram para a Câmara Municipal. A política da Fundação foi ver o que queríamos, e o que não estivesse em condições de uso, em bom estado, deveria ser abatido e jamais doado ou transferido para outra instituição.*

Outros documentos da Fundação Calouste Gulbenkian, além dos pareceres emitidos pela “Comissão de Leitura”, também destacaram obras e autores brasileiros, promovendo-os e ampliando seu espaço de circulação. Os números dos “Boletins Internacionais de Bibliografia Luso-Brasileira”, de 1960 a 1973, que registram *todas as publicações - obras, artigos de revistas, miscelâneas, jornais e recensões - respeitantes aos dois mundos português (em sentido lato) e brasileiro* (Boletim nº 1, jan./mar. 1960), é um material que faz referência a vários autores brasileiros que publicaram *tanto no Brasil quanto em Portugal.*

Muitos desses autores estão lembrados em sua produção voltada para adultos. Mas, entre o universo que nos interessa, aquele voltado para o público leitor infantil e juvenil, foram encontrados: *O mistério do pólo*, de Lúcia Machado de Almeida; *As aventuras de Hans Staden*, de José Bento Monteiro Lobato; *A volta do gato preto*, de Érico Veríssimo; *Alexandre e outros heróis*, de Graciliano Ramos; *Antologia Poética para infância e juventude*, de Henriqueta Lisboa; *Poemas (dez) inéditos*, de Cecília Meireles.

No entanto, não é possível saber o quanto a projeção dada pela Fundação a essa produção brasileira pode ter sido revertida em aquisição e posse pela comunidade portuguesa para compor acervos particulares ou outras bibliotecas não visitadas.

Outra fonte que colaborou para a divulgação dos livros e autores brasileiros foram os “Boletins Informativos dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian”, editados desde 1960, e que a partir de 1984 passaram a ser denominados “Boletins Culturais dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian”. Dentre esse material, que versa sobre temas ligados à literatura e cultura geral, os dedicados exclusivamente às crianças e jovens também contribuem para a

divulgação de algumas obras e autores. Na apresentação, por exemplo, do Boletim nº 8, da série V, outubro de 1986, Adolfo Simões Muller coloca que:

Estas histórias, das mais belas que se têm escrito em todo o mundo e em todos os tempos, destinam-se essencialmente aos jovens [...] e talvez essas digam então, como a escritora brasileira Henriqueta Lisboa, na sua Antologia Poética para infância e juventude: “é este o livro que eu desejaria ter lido na meninice. (p.4)

Simões destaca que este Boletim, uma *antologia de autores nacionais e estrangeiros*, traz a ausência de muitos:

Faltam muitos aqui, e importantíssimos, sem dúvida. Mas a quem me vier com os nomes de grandes escritores excluídos desta selecta, só me resta responder que não cabiam mais. Foi com pena que deixei, entre os esquecidos, Esopo e Fedro, a Condessa de Seguir, [...] os brasileiros: Érico Veríssimo, Cecília Meireles e tantos mais que ficaram no tinteiro.

Adolfo Mulher, ilustre escritor português altamente reconhecido nos meios acadêmicos e literários, não apenas dá a Cecília Meireles, Érico Veríssimo e Henriqueta Lisboa, o estatuto de “grandes e importantes escritores”, como também se defende de uma suposta crítica que o poderia recriminar por tê-los excluído. Se tal ausência precisa ser justificada, é provável que esses nomes já teriam alcançado, até aquele momento, um reconhecimento na sociedade portuguesa.

O único autor brasileiro presente nessa Antologia é Monteiro Lobato, lembrado não exclusivamente pelos seus personagens ou por cenários tipicamente brasileiros. Em *O senhor de La Fontaine e o Sítio do Picapau Amarelo* (p.44), a referência a um clássico (La Fontaine) dá outros sentidos para sua entrada neste Boletim. Nessa direção, Lobato reescreve versões do fabulista, cria humor em torno de uma figura clássica e “sisuda”. O texto vem acompanhado por uma interessante biografia de Lobato, que relata como o escritor “descobre sua grande vocação” de criador de um “mundo maravilhoso, entre o real e o imaginário” e destaca que em 1948, quando morreu, era “ainda insuficientemente editado em Portugal”.

Nesse Boletim, autores brasileiros citados participam de um campo de referências, o que me leva a pensar que eles possam ter sido lidos integral ou parcialmente, que possam ter sido comentados, lembrados, resenhados, transcritos, mesmo sem ter obras diretamente adquiridas para bibliotecas públicas ou particulares.

Outro “Boletim Cultural dos Serviços de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian”, o número 11 de outubro de 1988, é apresentado por Luiz Macedo, que se refere ao poema *Notícias de Pasárgada*, de Manuel Bandeira, como célebre e transcreve seus versos. No interior do Boletim são encontrados: *Motivo infantil brasileiro*, de Teresinha Eboli (p. 41); *Canção*, de Cecília Meireles,

(p.39) e *Poema número 1*, de Jorge de Lima (p. 50), sendo que os dois últimos autores vêm acompanhados de suas biografias, com fotos.

Um dos últimos Boletins Culturais, o de julho 1993, intitulado “Outras vozes também nossas” celebra a cultura portuguesa através das sete culturas de língua portuguesa, conforme Editorial: “[...] o nosso idioma terá doravante possibilidade de se desenvolver, crescentes ensejos de se expandir, renovados modos de se afirmar, - sob o risco, se o não fizer, de não ser mais que uma periférica língua dos pobres numa arrogante Europa de ricos.”

Nessa direção, o Boletim, que tematiza a literatura lusófona, parece indicar novas preocupações e interesses. São tentativas de aproximações culturais, mas também políticas e econômicas. Valorizar o intercâmbio cultural entre nações que falam uma mesma língua significa, talvez, um benefício recíproco para todos ligados em um bloco de interesses comuns contra os que monopolizam e impõem modos de apropriação social.

Sintetizado no verso “A minha Pátria é Língua Portuguesa”, o texto apoia-se no argumento de que há mais afinidades entre a criança portuguesa e a dos países lusófonos (do que em relação à da Europa), pela *língua que as cria, forma, informa, enforma*. E, assim, as organizadoras deste Boletim, Maria Alberta Meneres e Natércia Rocha, propõem o conhecimento recíproco da produção, em prosa e em verso, desses povos ligados por elos de parentesco e de afinidades.

Este Boletim traz o maior conjunto de autores citados e reunidos em um único documento português dentro do *corpus* deste trabalho. São eles: Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Clarice Lispector, Elias José, Odette de Barros Mott, Érico Veríssimo, Ruth Rocha, Waldir Ayala, Ziraldo, Maria Clara Machado, Jorge Amado, Wander Pirolli, Cristina Porto, Stella Carr, e poemas de: Zélia Gattai, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima.

São autores que, segundo os propósitos do próprio Boletim, circularão pelas bibliotecas com a finalidade de introduzir, de complementar a leitura de obras de forma integral, ou de funcionar como guia e instrumento de referências.

Em um contexto de defesa da união entre povos que falam a mesma língua e que culturalmente têm laços profundos, a leitura da produção brasileira ganha uma outra dimensão: *Que bom é poder passar um livro de mão em mão, entre todas as crianças dos países de língua oficial portuguesa e saber que a leitura as pode aproximar culturalmente!*

Portanto, embora muitas obras não tenham sido localizadas nos lugares visitados no decorrer deste trabalho, os documentos produzidos pela Fundação Calouste Gulbenkian - Pareceres, Boletins Culturais, Boletins Luso-Brasileiros - em seu conjunto, citam um ou outro autor, insistem repetindo

um mesmo nome em mais de um desses documentos, como é o caso de: Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade e Lygia Bojunga Nunes.

Por outro lado, outra instituição, além da Gulbenkian, colabora na divulgação de autores brasileiros, que nem sempre puderam ser encontrados por seus livros nos espaços consultados. É a escola que, através dos livros didáticos, aprofunda mais o conhecimento apresentando outros autores e obras. Com uma presença maior nos manuais destinados a partir do 5º ano, muitos foram citados e tiveram transcritos fragmentos de sua produção, embora não tenham sido encontrados de forma integral em livrarias ou bibliotecas públicas, como por exemplo: Ruth Rocha, Roseana Murray, Teresa Noronha, Vinicius de Moraes, Pedro Bandeira, Olavo Bilac, Pedro Ivo, Thiago Melo, João Cabral de Melo Neto, Orígenes Lessa, entre outros.

A maioria desses autores foi localizada apenas nesse material (manuais didáticos) e com poucas reincidências. São autores que transitam entre aqueles mais distantes no tempo, como Bilac, e mais próximos, como Pedro Bandeira; entre os mais conhecidos pelos leitores infantis, como Ruth Rocha, ou pelos jovens e adultos, como João Cabral de Melo Neto; entre os que são apresentados em prosa, como Orígenes Lessa, ou em versos, como Roseana Murray.

Apenas Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cecília Meireles (não com a obra *Ou isto ou aquilo*, reincidentemente citada nos manuais didáticos) estão nos livros didáticos e podem também ser encontrados no Alfarrábio Simões em projetos editoriais que circulam no Brasil.

Como esses autores não estão à venda nas demais livrarias e também não estão nas estantes das bibliotecas públicas, a sua presença no alfarrábio parece ser uma iniciativa do proprietário que, atento ao que circula na escola, adquiriu tais livros. Na entrevista, ao responder à pergunta: “Por que essas obras e autores fazem parte do seu acervo?”, ele prontamente respondeu: *Por vezes, são recomendados no ensino.*

De fato, no conjunto de autores oficialmente citados em documentos elaborados pelo governo e destinados às escolas, estão Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Carlos Drummond. No “Programa Curricular de Língua Portuguesa para 5º, 7º e 8º anos”, eles são indicados na seção “Obras para Leitura Orientada”, com as seguintes obras: *Ou isto ou aquilo*; *Poemas seleccionados*, de Manuel Bandeira; *Poemas seleccionados*, de Carlos Drummond de Andrade; *O menino no espelho*, de Fernando Sabino.

Esse conjunto de autores, ainda que de maneira tímida, é aquele que já há algum tempo vem sendo prestigiado pelas orientações que se destinam às escolas, como em “Materiais de Apoio aos Novos Programas - Língua Portuguesa, 5º ano do 2º ciclo”, de 1990. O texto escrito na Apresentação, que aponta o critério para seleção de obras e autores justifica: “Esta é a primeira página de um livro feito de muitos livros. Histórias que atravessaram séculos e que vêm dos quatro

cantos do mundo [...]”. Na intenção de oferecer diversidade para o jovem leitor, o documento, na seção “Poemas”, sugere as seguintes obras: *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles; os textos: *A onda*, *Balada do rei das sereias*, *Trem de ferro e Verde-negro*, de Manuel Bandeira; *O gato*, de Vinicius de Moraes.

O mesmo material indicado para o 6º ano do 2º ciclo, do ano de 1991, indica, exclusivamente como representativo da literatura brasileira, sete diferentes poemas de Manuel Bandeira e o “Materiais de Apoio aos Novos Programas - Língua Portuguesa, Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, Leitura Recreativa e Escrita Expressiva e Lúdica”, de 1993. Propõe para constituição de uma biblioteca do 2º ciclo, além dos já citados (Jorge Amado, Lygia Bojunga Nunes, José Mauro de Vasconcelos), *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles e *A vida de Joana D’Arc*, de Érico Veríssimo.

No “Catálogo de Documentação Escolar do Ensino Básico (1º ciclo)”, de 1998, pode-se ler: *O menino no espelho*, de Fernando Sabino; *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira; *Clarissa*, *Olhai os lírios do campo* e *O urso com música na barriga e outras histórias*, de Érico Veríssimo.

Quando deixamos as fontes impressas e buscamos as informatizadas, encontramos o *Diário de classe*, de Bartolomeu Campos Queirós no link “Livros de outras casas”, dentro do site disponibilizado pela “Casa da Leitura”, já referido anteriormente. O link, conforme o título sugere, reúne autores não portugueses. A opção por Bartolomeu Queirós e obra, que não se encontram em nenhum outro documento, revela, provavelmente, o conhecimento da atual literatura infantil e juvenil do Brasil por aqueles que lidam com a educação do jovem leitor português.

Uma certa tradição se mantém no período de quinze anos em relação à presença desses autores brasileiros, dentro das orientações oficiais ligadas à formação escolar do leitor português. No entanto, principalmente no interior das páginas dos manuais didáticos, a referência à nacionalidade dessa presença dilui-se, confundindo-se, como se fosse portuguesa. Poucos livros didáticos trazem, junto com o texto proposto para as atividades, a indicação de que esses autores são brasileiros, a referência à editora, obra ou data de publicação. Com propostas de leitura e de produção que lembram as presentes em livros didáticos editados no Brasil (SENA, 2005), o leitor poderia pensar que está interagindo com autores portugueses. Por exemplo, no livro *Língua Portuguesa, “Despertar”, 2º ano, 1º ciclo*, das Edições Livro Directo (2004), em que aparecem José Mauro de Vasconcelos (p.10), Roseana Murray (p.104), Teresa Noronha (p.123) e Manuel Bandeira (p.137), não há quaisquer dados sobre o autor e a fonte (obra, editora, data, etc.). Os poemas e textos em prosa, adaptados e fragmentados, inserem-se em unidades de trabalho junto com autores portugueses, em torno de uma temática - infância, escola, natureza, natal - que

aproxima aquilo que os editores interpretam como do gosto do leitor infantil e jovem ou apropriado para eles, segundo a representação dos educadores que lidam com esse material.

De qualquer maneira, na escola e com o material que gira em torno dela, autores brasileiros circulam e se diversificam em maior quantidade do que os exemplares encontrados em prateleiras. Embora nem sempre divulgados pela sua contribuição como uma produção de um outro país “irmão”, esse espaço revela-se significativo para divulgação de autores brasileiros com seus livros de literatura voltados para crianças e jovens.

Além desses já citados, outros impressos, que também circulam na escola, trazem outras referências ou reforçam as já comentadas. É o caso do “*Primeiro livro de poesia – poemas para infância e adolescência*”, organizado por Sophia de Mello Breyner Andresen, respeitada autora de literatura infantil portuguesa e editado em 1991.

No texto da apresentação, Andresen aponta que:

Este livro não é uma antologia e muito menos uma antologia panorâmica. Constituída por obras de poemas de todos os países de língua oficial portuguesa, é um livro de iniciação destinado à infância e à adolescência, e onde procurei reunir poemas, que, sendo verdadeira poesia, seja também acessível.

Nesta iniciativa pioneira e bem diferente dos aspectos que configuram a produção de livros didáticos, essa proposta de Andresen reúne em uma obra autores que escrevem em língua portuguesa, distinguindo-os pela sua nacionalidade. A configuração dessa obra aponta para autores praticamente desconhecidos atualmente, como Odylo Costa Filho e Ribeiro Couto, ao lado daqueles já consagrados pela crítica e reconhecidos pelo público leitor, como Manuel Bandeira com o poema *Irene no céu*; Jorge de Lima com *Vinde, ó pobres*; João Cabral de Melo Neto com *Futebol brasileiro renovado na Europa* e *A criança recém-nascida*.

A seleção de autores e obras, em documentos oficiais, manuais didáticos, antologias e *sites* com sugestões de leitura, busca oferecer aquilo que seus organizadores consideraram o melhor, o mais importante e representativo da produção de um país. Essa seleção revela modos de apropriação distintos, ora apresentados como a possibilidade de se conhecer a produção brasileira como uma entre várias outras de países lusófonos, ora apresentados de modo “camuflado”.

A escolha desses e não de outros autores e obras sugerem valores, intenções, modos de lidar com a cultura do outro, diferentes daqueles do seu país. São formas de dar a conhecer por partes uma obra, ou obras, pedaços de algo maior. Pelas antologias, pelos manuais escolares, pelas sugestões nos programas de leitura, chega-se àquilo que se quer constituir como o mais básico ou o mais importante: encontrar, como parte viva de um poeta, ou poetas. Esse material não sugere somente o caráter didático em que ele se insere e o que o especifica. É possível perceber que há

valores que orientam as escolhas, sustentados por apreciações e avaliações feitas em outras instâncias, além da intenção didática na formação do jovem leitor.

É provável que encontrasse mais livros se ampliasse o espaço geográfico – amigos brasileiros que acompanharam esta pesquisa me informaram terem visto *Clarissa*, de Érico Veríssimo, em uma feira de livros usados na cidade de Évora.

A presença de livros que, de forma casual, chegam a outros lugares pelas mãos de algum leitor indica que muitos outros devem circular em Portugal, mas que não foram “descobertos” por esta pesquisa.

Um personagem chamado Pedrinho – A vida de Monteiro Lobato – para os alunos lerem e os professores, de Sidônio Muralha, localizado na Biblioteca Municipal de Faro, ilustra o que chamamos de caminhos não previstos para os livros. Na página de rosto do livro, em letra cursiva, está escrita a seguinte dedicatória: “Para o querido Assis Esperança – com admiração e amizade – este livro moldado na linguagem brasileira e um grande e sincero abraço”.

Neste caso, o livro não foi adquirido intencionalmente pelos responsáveis pelo acervo da Biblioteca. Doado pelo próprio Assis Esperança, escritor português, ou por alguém que havia percebido a importância da obra que traz na dedicatória a assinatura do próprio Sidônio Muralha, ele não foi jogado fora depois de lido, ou abandonado em uma biblioteca particular. Outros, como este, presentes de autor para autor, de leitor para outro leitor, podem estar em algum lugar e não terem sido localizados. Doados, presenteados, esquecidos quando emprestados, comprados em uma viagem, perdidos no meio de outros tantos livros, são gestos e modos de pôr a circular esse objeto cultural, que muitas vezes não deixa pegadas visíveis para um pesquisador de leitura e livros.

É muito? É pouco? O que pôde ser encontrado a respeito da produção brasileira destinada às crianças e jovens portugueses?

Os dados coletados revelam que o intercâmbio literário entre Brasil e Portugal é quase inexistente, formado, na maioria das vezes, por iniciativas parciais, ao acaso, sem continuidade, embora os governos costumem declarar suas intenções de aproximação cultural.

Talvez por isto, vários entrevistados nesta pesquisa tenham se manifestado de forma espontânea sobre a possibilidade de que se constatasse uma quase ausência da literatura brasileira para crianças e jovens em Portugal.

A entrada dos livros é difícil, cara, demorada. O alfarrabista Simões declara: *os livreiros fazem encomenda, a distribuidora Dinapress recolhe os pedidos e espera acumular uma quantidade*

para solicitar encomenda ao Brasil. A demora chega até 90 dias. E lamenta: Portugal é do tamanho de São Paulo, porém com população menor.

O encontro dos livros brasileiros com os leitores portugueses, ainda em formação, deve ser “cuidado” pelas instituições que fazem essa mediação. Mesmo o discurso corrente de que somos nações irmãs, de que fazemos parte da comunidade lusófona, não parece garantir o livre intercâmbio da produção cultural entre os dois países.

Em defesa da pureza da língua portuguesa, nos moldes escritos segundo os autores de Portugal, os brasileiros são censurados ou apenas parcialmente fazem parte do cânone literário destinado aos leitores mais jovens.

São “traduzidos”, o que encarece o processo de produção e assume outros sentidos na singularidade da língua originalmente criada, na garantia da diversidade. O contato com a modalidade brasileira contamina a aprendizagem castiça da língua portuguesa, “desensina” através da exposição de modelos pouco representativos da língua vernácula.

Os livros brasileiros são apresentados sem distinção de nacionalidade, junto a autores que podem ser de qualquer país, numa estratégia para conquistar um mercado que valoriza, como todos os outros, a produção de seu próprio país. Em coleções que abrigam os “premiados”, os “melhores” de cada cultura, publicados por grandes editoras não brasileiras, a obra se dilui entre outras.

Ganham outros projetos editoriais, adequando-se assim aos gostos de outros leitores que se pretende conquistar. *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, é um exemplo de projeto editorial que ganha novos contornos e sugere outros sentidos, já na própria capa da obra. Enquanto, no Brasil, suas diferentes edições trazem uma grande bolsa amarela a ocupar todo o espaço, a de Portugal apresenta uma rapariga de olhos cabisbaixos a carregar, a tiracolo, uma bolsa amarela. No primeiro caso, a imagem ilustra o título, dando à bolsa o papel de destaque. No segundo, é uma jovem adolescente que chama a atenção do leitor, provavelmente também jovem.

Em edições que não se renovam ao longo do tempo, espalhadas em vários espaços, com um único exemplar de uma única obra de um determinado autor, a maioria dessa produção não provoca outros gestos, não interfere no gosto, não cria demanda. Uma obra repetidamente citada e lembrada por instituições oficiais, como por exemplo, *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, não é encontrada em livrarias ou nas bibliotecas.

Parciais e quase isoladas são algumas iniciativas de editoras e o reconhecimento de autor e obra pelo público leitor. A atuação da Editora Melhoramentos em Portugal é um exemplo dessa primeira situação.

Essa editora parece ser a única com uma política de exportação de livros, que insiste na presença de autores brasileiros destinados às crianças e aos jovens, criando uma tradição e uma demanda.

Presente nas grandes feiras internacionais do livro, atenta à procura por livros brasileiros em comunidades hispânicas e em comunidades de língua portuguesa, esta editora atua, desde os anos 1980, em todas as áreas do mercado externo, com venda de direitos autorais, de livros, e edição em mais de doze línguas. Segundo Brener Lerner, diretor geral da editora, em matéria publicada pela Gazeta Mercantil:

Chegamos a editar o mesmo livro, no mesmo dia, em até quatro línguas diferentes, o que diminui os custos de produção e torna o negócio interessante do ponto de vista da lucratividade", explica Lerner. [...] Na última feira de Frankfurt [de 2003] a editora vendeu livros de José Mauro de Vasconcelos como '*Meu pé de laranja lima*' para a Coréia (com direitos para livro, teatro e mangá), Tailândia, Dinamarca e Romênia (NEVES, 2004).

De fato, *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, circula em Portugal com o mesmo projeto editorial do Brasil, sem indicação em programas oficiais de fomento à leitura; é uma das obras mais "lidas" e a que tem maior número de exemplares espalhados por lugares diversos.

O sucesso, especialmente da obra *Meu pé de laranja lima* e do autor Jorge Amado junto a várias gerações de leitores, dá, excepcionalmente em relação ao *corpus*, uma idéia de continuidade e de fortalecimento de uma tradição na recepção da literatura brasileira. Esse sucesso revela, entre outras coisas, o quanto é difícil entranhar-se no mercado dos livros em um país estrangeiro.

Em matéria sobre o 35º Encontro Nacional de Editores e Livreiros, publicado na revista Panorama Editorial, Lula Viera, diretor de marketing da Ediouro, de forma descontraída declara: *Já vendi de tudo na vida, de carros a batata frita, mas jamais imaginei que houvesse um setor da economia [dos livros] em que o marketing fosse uma atividade tão sofisticada e complicada ao mesmo tempo.* E ele acrescenta a dificuldade de entender o *fato de haver livros que alcançam boas vendas sem qualquer repercussão na mídia, independentemente de quem os tenha publicado.* (2007, p.11).

A falta de controle e compreensão total dos procedimentos e itinerários que promovem uma obra ou um autor junto a uma comunidade de leitores, é sinal da complexidade desse circuito. Às vezes, os livros ganham destaque por estratégias calculadas das editoras que os publicam; às vezes, pela força da tradição de um gosto formado entre gerações; ou ainda, oficialmente, pela força de instituições. Uma autora premiada e reconhecida pela crítica circula timidamente em coleções que abrigam autores de outros países, como Ana Maria Machado. Uma obra é eleita para compor os programas oficiais voltados para educação do leitor, como *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, enquanto outra - *Meu pé de laranja lima* - é eleita para permanecer viva, de mão em mão, por várias gerações de leitores.

Na História dos livros, Darnton (1995) aponta para as condições sempre distintas no tempo e no espaço em que livros surgem, são divulgados, circulam e chegam até os leitores. Por outro lado, ele destaca:

Mas de um modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida, este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume este papel) ao impressor ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. (p.112)

Esta pesquisa revela que o modelo proposto por Darnton “omite” no circuito de uma obra - do autor ao leitor - sempre mediado por diferentes agentes, a presença de outras instâncias, como a escola, a família, a mídia, uma entidade promotora da leitura, uma comunidade de leitores.

Essas entidades - mais do que as editoras e impressoras que publicam determinadas obras, do que os distribuidores e vendedores que as colocam mais perto dos leitores, do que o marketing que as promove - atuam como legitimadoras do gosto do público e impõem demanda, restringem ou ampliam a circulação de uma produção em determinada sociedade.

São essas mesmas instituições que manipulam aspectos que configuram uma produção e tomam decisões de caráter não apenas cultural para garantir sua circulação entre leitores. Adaptam, “traduzem”, recortam, “escondem” a nacionalidade da autoria, criam interesses comuns, buscam parentescos e afinidades, reforçam uma identificação personagem e leitor, etc. como vimos na produção que circula nos manuais didáticos, nos boletins culturais da Fundação Calouste Gulbenkian, nas edições impressas em Portugal. Lidam com representações e valores revestidos pelo caráter simbólico que o livro e a leitura assumem em cada cultura.

Mas o circuito (darntiniano) formado do autor ao leitor não se dá em uma única direção e nem esgota sempre todas as fases do processo. E, por isso, é possível encontrar mais obras e autores, esparsos, “perdidos”. A pesquisa ilustra, em vários momentos, que, do autor ao leitor previsto, pode-se intercalar um novo circuito recomeçado, não pelo autor, mas por um antigo leitor ou um comprador de livros usados para revenda, que é o leitor que naquele momento acolhe tal obra. Como *Giroflê, Giroflá*, de Cecília Meireles, que traz na página de rosto, com letra cursiva, uma assinatura (provavelmente do leitor que o vendeu para o alfarrabista) e as seguintes informações: *Faro, 1984, Liceu*.

Um livro pode, uma vez editado, não partir diretamente para as mãos de um vendedor, mas entrar em um circuito de mão em mão entre leitores que são autores, críticos e legitimadores da instituição literária. O livro apresentado a Assis Esperança por Sidônio Muralha, ilustra este caso.

Também Maria Helena Borges, ao responder às questões colocadas sobre como selecionavam as obras para compor o acervo das Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, coloca que

nunca existiu nenhum convénio (nem me parece que tenha sequer havido contactos nesse sentido) com entidades brasileiras; as escolhas – e posterior aquisição – eram feitas pelos membros da Comissão de Leitura sobre obras enviadas por editores ou obras que tinha conhecimento e que, muitas vezes, lhes eram remetidas pelos próprios autores.

Nesse circuito, um livro pode ser desviado de seu destinatário anteriormente previsto para um outro destinatário, e pode ser encontrado (ou não), como, no caso de um exemplar que traz o carimbo da Fundação Calouste Gulbenkian, mas que foi identificado fora do acervo da Biblioteca Municipal de Faro.

Livros - por diferentes trajetos, sob determinadas condições e circunstâncias, em determinados projetos editoriais, movidos por interesses, por gostos, por intenções também diversas - transitam e se espalham por caminhos convencionais ou ao acaso, e chegam aos seus leitores previstos ou não esperados, revisitados em diferentes práticas de leitura, em vários lugares e tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB, São Paulo: FAPESP, 2003.

ANDRESEN, S.M.B. **Primeiro livro de Poesia. Poemas para infância e adolescência**. Selecção de Sophia de Mello Breyner Andresen. Ilust. Júlio Rezende. 8. ed. Lisboa: Caminho, 1991.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

BLOOM, H. **Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. 29.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996. , (Coleção Quatro Ventos).

BOLETIM Informativo dos Serviços de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, nº 12, 1968; 08, out.1986; nº11, out.1988.

BRAGA, M. **Parecer sobre *Flicts***, de Ziraldo, em 11 fev.1990. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Mon éléphant: o elefante***, de Carlos Drummond de Andrade. 29 mai. 1990. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007

-----. **Parecer sobre *O peixe que podia cantar***, de Ricardo Azevedo, em 16 abr.1991. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O joelho Juvenal***, de Ziraldo, em 19 jan.1993. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Pedrinho Esqueleto***, de Stella Carr, 30 mar.1993. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

BRASIL. Plano Nacional do Livro e Leitura . Ministério de Educação, Ministério da Cultura. Brasília, Brasil, 2007. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br>. Acessado em: 12 de novembro de 2007.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CANDIDO. A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975a.

-----. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1975b.

CASTILHO, G. **Parecer sobre *A bola e o goleiro***, de Jorge Amado, em 22 abr.1986. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R.: **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, R.. **História cultural** – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996a.

-----. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.

-----. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: UNESP, 1992.

-----. **O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FONTES, C.. **Leituras, livros e bibliotecas**. Disponível em: <http://acultura.no.sapo.pt/page5a.html>, Acessado em: 09 de maio de 2007

GUEDES, F. **Os livreiros em Portugal**. Lisboa: Verbo, 1987.

-----. **O livro e a leitura**. Lisboa: Verbo, 1993.

-----. **O livro como tema**. Lisboa: Verbo, 2001.

JORNAL DO ALGARVE. Revista Magazine, 31 ago. 2000. p.16. Encarte

JOSÉ, Eduard (Adap.). **O Capuchinho Vermelho**. Lisboa: Edinter Ltda, 1988, s/p. (Coleção Contos para Sempre).

JOYCE, P. **Parecer sobre Robin Hood**, de Monteiro Loato, em 08 mai 1967. Disponível em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 06 de novembro de 2007.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, M.; ZILBERMANN, R.. **Literatura infantil brasileira. Histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 1988.

-----. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEÃO, M. **Antologia de língua portuguesa – 5º. Ano, 2º Ciclo**. Lisboa: Grafitexto, 1990.

MARIA, J.. **Parecer sobre O urso com música na barriga e outras histórias**, de Érico Veríssimo, em 02 mar 1982. Disponível em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

MARTINS, J. M. **Marketing do livro. Materiais para uma sociologia do editor português**. De Camilo à internet o prazer de editar. Lisboa: Celta, 1999.

-----. **Profissões do livro, editores e gráficos, críticos e livreiros**. Lisboa: Verbo, 2005.

MARTINS, M.; PERDIGÃO, F. O público da Biblioteca Municipal de Faro “António Ramos Rosa”, consumos e práticas. In: **Revista da Universidade do Algarve**, n.15, 2006.

MELO, D.. **A leitura pública no Portugal Contemporâneo. (1926-1987)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, ISCTE. 2002. Tese (Doutorado).

-----. **A leitura pública no Portugal Contemporâneo. (1926-1987)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004a .

-----. **As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública no Portugal Contemporâneo. (1926-1987).** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004b.

MORTATTI, M. R. L. Leitura crítica da literatura infantil. In: **Leitura: Teoria & Prática.** Campinas / Porto Alegre: Mercado Aberto, vol. 19. n. 36. dez. p.. 11- 17.

MULLER, Adolfo Simões. **Parecer sobre *As aventuras do avião vermelho e outras histórias***, de Érico Veríssimo, em 24 mar. 1981. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre a *O Menino de Grapiúna***, de Jorge Amado, em 15 mar. 1983. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007

NETO. **Língua Portuguesa – Língua Portuguesa**, 2º ano, do 1 ciclo básico, Lisboa: Edições Livro Directo, 2004.

NEVES, R. Crescem as exportações do parque editorial brasileiro. In: **Gazeta Mercantil**, 10 de ago. de 2004. Disponível em: <http://2.metodista.br/uneso/jbcc_mensal/jbcc261/corporações_profissionais_crescem_htm>. Acessado em: 13 de dezembro de 2007.

OLIVEIRA, M.L.R. **Viver o Português**, 8º ano, Lisboa: Didactica., 2003, (Distribuidora Platino).
REVISTA PANORAMA EDITORIAL. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, ano 3, nº 34, set. 2007.

ROCHA, N. **Parecer sobre *O Minotauro***, de Monteiro Lobato, em 05 fev. 1985. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O Picapau Amarelo***, de Monteiro Lobato, em 05 fev. 1985. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *A Aritmética de Emília***, de Monteiro Lobato, em 05 fev. 1985. Disponível em:

<<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Corda Bamba***, de Lygia Bojunga Nunes, em 20 dez. 1988. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 06 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *A bolsa amarela***, de Lygia Bojunga Nunes, em 19 set. 1989. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 06 de novembro de 2007.

-----. **Breve história da literatura para crianças em Portugal.** 2.ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação, 1992.

RODRIGUES, U. T. **Parecer sobre *Pelegrino e Petrônio***, de Ziraldo, em 25 mar. 1993. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

ROSA, J. A. P. (Org.). História da Biblioteca Municipal de Faro. In: **Anais do Município de Faro**, Portugal, 1969.

TEIXEIRA, M. A; BITTECOURT, M. A. **Livro de Língua Portuguesa**, 8º ano, Lisboa: Editora Texto, 2003.

TRIGUEIROS, L. F. **Parecer sobre *Rolim***, de Ziraldo, em 18 dez.1990. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Uma avenida na floresta***, de Bárbara Vasconcelos Carvalho, em 14 mai.1991. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *A história do i que engoliu o pontinho***. de Ziraldo, em 17 dez.1991. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O leão Roncador***, de Lúcia Pimentel Goes, em 03 jan.1992. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 06 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *A leste do E, de Ziraldo***, em 18 fev.1992. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *A história do A, de Ziraldo***, em 22 set.1992. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O papagaio Tutuba***, de Bárbara Vasconcelos Carvalho, em 24 mar.1993. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Acessado em: 05 de novembro de 2007.

VASCONCELOS, M. J. **Parecer sobre *Robin Hood***, de Monteiro Lobato, em 30 jan.1967. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 07 de novembro de 2007.

VIANA, A. C. **Parecer sobre *O elfo e a sereia***, de Ana Maria Machado, em 21 mai.1991. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 06 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Os dois gatinhos***, de Bárbara Vasconcelos Carvalho, em 28 mai.1991. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 05 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O sofá estampado***, de Lygia Bojunga Nunes, em 15 dez.1992. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 06 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *O menino quadrado***, de Ziraldo, em 05 fev.1994. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 07 de novembro de 2007.

-----. **Parecer sobre *Araújo ama Ophélia***, de Ricardo Azevedo, em 18/ out.1994. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>>. Site acessado em: 06 de novembro de 2007.

VIEIRA, T.. Ler, ver e ouvir e aprender a ser. Biblioteca Municipal de Faro “António Ramos Rosa” In: **Revista Espaços**, Lisboa, 24 jan. 2006, p.22-31.

ZILBERMAN, R (Org.). **A produção cultural para criança**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

FONTES DOCUMENTAIS

BOLETIM Internacional de Bibliografia luso-brasileira da Fundação Calouse Gulbenkian, Lisboa, vol Série I, 01 a 04 (1960); Série II, 01 a 04 (1961); Série I II, 01 a 04 (1962); Série XIII, 01 a 04 (1972); Série XIV, 01 a 04 (1973).

BOLETIM Informativo dos Serviços de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 01, out.1960; 02 a 05 (1961); 06,1962; 07 e 08 (1963); Série II 01a 02 (1964); Série II 03 e 04 (1965); Série 05e 06 (1966); Série II 07, a 09 (1967); Série II 11a 13 (1968); Série II 14 a 17 (1969); Série II 18 a 20 (1970); Série II 21 a 23 (1971); Série II 24 e 25 (1972); Série II 26 e 27 (1973); Série II 28 a 30 (1974); Série III 01 (1975); Série IV 02 (1977); Série V 01 e 02 (1979); série V 03 e 04 (1980); série V 05e 06 (1981).

BOLETIM Cultural dos Serviços de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Série VI, 01 a 03 (1984); Série VI, 04 e 05 (1985); Série VI, 06 a 08 (1986); Série VI, 09 (1986); Série VI, 10 e 11 (1988); Série VI, 12 (1989); Série VII, 01 a 03 (1990); Série VII, 04 e 05 (1991); Série VII, 06 e 07 (1992); Série VII, 08 (1993); Série VIII, 01 (1994); Série VIII, 03 (1996).

BOLETIM Serviços de Biblioteca e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Edições Especiais, **A Literatura para crianças do século XXI**, XIII Encontro de Literatura para crianças, nov. 1998.

BOLETIM Serviços de Biblioteca e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Edições Especiais, **A Literatura para crianças do século XXI**, Comunicações do XIII Encontro de Literatura para crianças, mar. 1999.

PORTUGAL. Ministério da Educação, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento, Comunidade Européia – Fundo Social Europeu. **Catálogo de Documentação Escolas do Ensino Básico (1º. Ciclo)** –, Lisboa, 1998.

PORTUGAL. Ministério da Educação, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento, Comunidade Européia – Fundo Social Europeu. **Catálogo de Documentação Escolas do Ensino Básico (2º.; 3º. Ciclo)** –, Lisboa, 1998.

PORTUGAL. Decreto-Lei n. 71/87 de 11 de fevereiro – Ministério da Educação e Cultura, I série, nº.35, 11fev.1987, p.528- 534.

PORTUGAL. **Materiais de apoio aos novos programas - língua portuguesa – selecta, 5º. Ano, 2º Ciclo**. Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Reforma Educativa, 1, Lisboa, [19--].

PORTUGAL. **Materiais de apoio aos novos programas - língua portuguesa – selecta, 6º. Ano, 2º Ciclo**. Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Reforma Educativa, 1, Lisboa, [19--].

PORTUGAL. **Materiais de apoio aos novos programas - língua portuguesa – Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Reforma Educativa Língua Portuguesa – Leitura Orientada - 5º. Ano, 2º Ciclo**, Lisboa, 1992.

PORTUGAL. **Materiais de apoio aos novos programas - língua portuguesa – direção geral do ensino básico e secundário.** Reforma Educativa Língua Portuguesa – Comunicação oral. Leitura recreativa e escrita expressiva e lúdica. Lisboa, 1993.

PORTUGAL. **Plano Nacional de Leitura . LER +.** Ministério de Educação, Ministério da Cultura. Lisboa, Portugal, 2006. Disponível em: <http://www.planonacionalleitura.gov.pt>. Acessado em: 12 de novembro de 2007.

PORTUGAL. **Programa de Língua Portuguesa – Plano de Organização de Ensino e Aprendizagem – Ensino Básico – 2º. Ciclo.** Reforma Educativa – Direcção Geral dos Ensinos Básicos e Secundários- Ministério da Educação, Lisboa, 1991.

PORTUGAL. **Programa de Língua Portuguesa – Plano de Organização de Ensino e Aprendizagem Ensino Básico – 3º. Ciclo.** Reforma Educativa – Direcção Geral dos Ensinos Básicos e Secundários- Ministério da Educação, Lisboa, 1991.

PORTUGAL. **Programa RBE – Legislação sobre bibliotecas escolares – Despacho Interno conj. 03 I/SEAE/2002 – 15 mar. 2000.**

PORTUGAL. **Programa RBE – Despacho no. 17.860 I/SEAE/2002 – 15 mar. 2002.** – Regula a organização do ano letivo 2007/2008, artigo 8.

PORTUGAL. **Programa RBE – Recursos Humanos para o Programa da Rede Bibliotecas Escolares, 2007/2008 – s.memo., 543/RBE.**

RELATÓRIO Anual da Fundação Calouste Gulbenkian – Lisboa. ano 1982 a 2003.

ROL DE LIVROS. Pareceres Comissão de Leitura – 1958 até a presente data (outubro de 2007.) <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>> - acessado 30 e 31 de outubro de 2007.

SITES CONSULTADOS

<<http://falaportugues.blogs.sapo.pt/9425.html>> “CORRECÇÃO: Lusofonia/Português: linguista acusa Portugal”. 3 out. 2007, acessado em 12 jan. 2008.

<http://www.caestamosnos.org/Pesquisas_Carlos_Leite_Ribeiro/Gabriela_Cravo_Canela.html> – acessado em 07 nov. 2007.

<<http://www.ebivc.org/joomla/index.php>>, acessado em 21 nov 2007.

<<http://www.plamonacionaleitura.gov>>, pt, acessado em 12 out. 2007.

<<http://www.correiomanha.pt/noticia>>, acessado em 12 jan. 2008.

<<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>> , acessado 30 e 31 de outubro de 2007.

Serviço de Apoio à Leitura (SAL) – Disponível em <www.dglb.pt>. e <<http://sal.iplb.pt/index1.php>>, acessado em: 23 nov. 2007.

<<http://www.casadaleitura.org>> , acessado em 23 nov. 2007.